

As Confrarias

PERSONAGENS

MARTA
JOSÉ filho de MARTA
SEBASTIÃO marido de MARTA
QUITÉRIA amante de JOSÉ
IRMÃOS DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO
MANOEL DE ABREU um devoto
IRMÃOS DE IRMANDADE DO ROSÁRIO
PÁROCO DO ROSÁRIO
IRMÃOS DA IRMANDADE DE SÃO JOSÉ
PÁROCO DE SÃO JOSÉ
HOMEM BRANCO
IRMÃOS DA ORDEM TERCEIRA DAS MERCÊS
DEFINIDORES DAS MERCÊS
UM ATOR
UM CURA
DOIS BELEGUINS
MINEIRO 1
MINEIRO 2
MINEIRO 3
UM HOMEM

CENÁRIO — Igrejas e diversos lugares do Brasil colônia.

ÉPOCA — Fins do século XVIII.

CENA — Ao abrir-se o pano, o fundo da cena está iluminado, mostrando o altar do consistório da Igreja do Carmo. O altar e o teto são dourados, e as paredes pintadas. Em frente ao altar e em volta de mesa ricamente trabalhada, estão sentados os componentes da Mesa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Ao lado, bancas altas sustentam grandes livros de registros. Alguns estão abertos, e o irmão-secretário escreve num dêles. Em primeiro plano, à esquerda, um andor suntuosamente ornamentado com Nossa Senhora dos Passos, colocado sôbre quatro cadeiras.

MINISTRO: De quem é o pedido de empréstimo, irmão tesoureiro?

TESOUREIRO: João Viana, irmão ministro.

MINISTRO: É da nossa Ordem?

TESOUREIRO: É.

MINISTRO: Leia o documento.

TESOUREIRO: (*Lê*) Tendo notícia de que no cofre desta venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo estão depositados seiscentos mil réis para serem...

PROVEDOR: É só o que temos no cofre?

TESOUREIRO: Claro que não. Isto é o que êle precisa. (*Olha ressentido para o Provedor*)... para serem emprestados a razão de juros de lei, e como o suplicante dá para fiadores irmãos desta mesma Ordem e além disso hipoteca à mesma fiança todos os bens que possui...

MINISTRO: E êle possui alguma coisa?

TESOUREIRO: É pessoa de abono, irmão ministro.

MINISTRO: Aprovo.

TESOUREIRO: Além dos títulos de dívida êle ainda oferta de-

zessete oitavas de ouro, para obra meritória de livre vontade da Ordem.

PROVEDOR: Se nossos devedores fôsem todos assim!

TESOUREIRO: Que quer dizer, irmão provedor?

PROVEDOR: Que o govêrno da capitania ainda não saldou a dívida conosco. E emprestamos quase todo o nosso capital!

TESOUREIRO: (*Altivo*) Temos no cofre da Ordem oito contos quatrocentos e noventa e três mil e oitenta e dois réis.

MINISTRO: E o governador deu ouro em pó em caução!

TESOUREIRO: Tratando-se do governador, não é o que importa. Precisamos estar bem com el-rei.

PROVEDOR: (*Irônico*) Não devemos nos esquecer de que temos irmãos em luta com o poder real. O quinto cobrado de Pedro de Miranda é extorsão.

TESOUREIRO: Enquanto o régio erário fôr devedor nosso, o poder real nada fará contra Pedro de Miranda.

MINISTRO: (*Evitando o assunto*) Irmão secretário! Qual o caso que quer apresentar à Mesa?

SECRETÁRIO: Manoel de Abreu, irmão ministro.

MINISTRO: Qual é o problema?

SECRETÁRIO: Infâmia de mulata.

MINISTRO: Infâmia de mulata? Em nossa Ordem?

PROVEDOR: Enquanto a sindicância sôbre o passado de nossos pretendentes não fôr bem feita, teremos sempre problemas aborrecidos.

SÍNDICO: (*Ofendido*) Manoel de Abreu não pertence à nossa Ordem, irmão provedor.

MINISTRO: Se não pertence, nada temos com isso. E se quer pertencer, responda que não pode ser aceito.

SECRETÁRIO: É que êle trabalhou a vida tôda para nosso irmão Vicente de Almeida Magalhães!

PROVEDOR: Vicente de Almeida Magalhães! Só podia ser. Até depois de morto é dificultoso à Ordem.

MINISTRO: Que o Senhor o tenha em santa paz.

SECRETÁRIO: Ao morrer, nosso irmão deixou a Manoel de Abreu tudo o que possuía, inclusive as roupas.

PROVEDOR: Tudo? A um servo?

SECRETÁRIO: Em nossas últimas cerimônias religiosas, Manoel tem se apresentado com a opa da irmandade.

PROVEDOR: É só explicar a êle que não pode usá-la.

SECRETÁRIO: Já expliquei. Para a procissão de hoje, já se apresentou de opa. Peço à Mesa que resolva.

MINISTRO: Faça entrar. (*O secretário sai*) A compreensão é filha da boa explicação. Nosso irmão secretário não é de muitas luzes.

SÍNDICO: É noite de breu!

PROVEDOR: Também, com as idéias que Vicente de Almeida Magalhães trouxe de suas viagens!

SÍNDICO: Só falava na Europa com sua imprensa de cem olhos, de cem bôcas propagando a ilustração por tôdas as classes.

TESOUREIRO: Andou por aí falando de um tal Monsieur Franklin... (*abaixa a voz*) que roubara o cetro aos tiranos e o raio aos deuses.

SÍNDICO: Com a inquietação surda que anda por aí, se Vicente não tivesse falecido, as idéias dêle em nossa Ordem seriam... (*Manoel entra, vestido com a opa da irmandade, ricamente bordada.*)

MANOEL: (*Reverência*) Boa tarde, meus irmãos terceiros.

MINISTRO: Seu nome é Manoel de Abreu?

MANOEL: Manoel de Abreu, sim senhor.

MINISTRO: Foi servidor na casa de Vicente de Almeida Magalhães?

MANOEL: Não conheci outro lugar de trabalho em quarenta anos de vida.

PROVEDOR: É verdade que herdou tudo que pertencia a êle?

MANOEL: (*Passa a mão pela opa*) Tudo, sim senhor.

PROVEDOR: Então, usa a opa só porque a herdou?

MANOEL: O que a gente herda, a gente usa.

MINISTRO: Para usá-la, precisa pertencer à Ordem.

MANOEL: Se herdei tudo que era dêle, herdei também o lugar na Ordem.

MINISTRO: (*Risos*) Para isto, precisa ser aprovado.

MANOEL: Sou branco e tenho dinheiro para os anuais.

TESOUREIRO: Apesar disso, não pode pertencer à Ordem.

MINISTRO: Tire a opa e acompanhe a procissão como qualquer devoto. Todos são importantes para Deus.

MANOEL: Não posso pertencer por quê?

TESOUREIRO: Aceite o conselho do irmão ministro e vá para a igreja.

MANOEL: Não saio daqui sem saber.

MINISTRO: Não sabe que cada pretendente tem que provar pureza de sangue?

MANOEL: Sei. Não sou filho de nação que fura beijo.

MINISTRO: Não podendo ter ascendente mouro, judeu, carijó, negro ou cabra, ou de outra infecta nação?

MANOEL: Que Deus todo-poderoso nos livre dêles.

PROVEDOR: Sabe também que se qualquer pessoa provar que sua mulher tem, de quatro gerações para baixo, herança de sangue impuro, é quanto basta para não ser admitido na ordem? E tendo sido, para ser expulso?

MANOEL: Conheço os estatutos. Posso professar. Já estão aqui as seis oitavas de ouro para a esmola.

MINISTRO: Você é acusado de infâmia de mulata!

MANOEL: Clara? Minha mulher...?!

SÍNDICO: Descende de negros.

MANOEL: Não é verdade. Sou casado há vinte anos. Conheço sua gente. São da família Dias!

SÍNDICO: Assim rezam os papéis que vieram da Província onde ela nasceu.

MINISTRO: Debaixo de pele branca, também corre sangue negro. Entregue a opa ao irmão síndico.

MANOEL: É minha e vou usar.

MINISTRO: Procure compreender. Não queremos faltar com a caridade.

MANOEL: É minha. Minha mulher é branca. Ninguém pode me acusar desta infâmia. Eu herdei tudo. Tudo! Sou rico como vocês. Tenho com que pagar o vigário, a cêra, a cova, a mortalha e o caixão. Pertencem à Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo...

PROVEDOR: Irmão síndico, rasgue a opa.

MANOEL: Não! É minha... meus filhos são brancos...!

(Neste instante, Marta surge à porta e observa a cena com expressão impenetrável, examinando os irmãos um a um. O irmão síndico rasga a opa; Manoel ajoelha-se e junta os pedaços.)

MINISTRO: Se consertar e vesti-la novamente, levaremos o caso à justiça. Há outras irmandades onde pode ser ad-

mitido. Nem tôdas as portas estão fechadas a você. Pode sair.

(Manoel abraça-se à opa e, profundamente ferido, olha os irmãos. Súbitamente, sai retesado, parando diante de Marta. Marta tira a opa das mãos de Manoel, deixando-a cair ao chão. Manoel olha a opa e Marta, volta-se e desaparece.)

PROVEDOR: (Com desprezo) Família Dias!

MINISTRO: Precisamos proibir em nossos estatutos que as vestes da Ordem sejam... Quem é?

SECRETÁRIO: Não conheço.

SÍNDICO: Nunca vi no Carmo.

(Qualquer coisa na expressão de Marta faz com que os irmãos recuem com certo receio.)

MINISTRO: Que deseja em nossa igreja? Quem é você?

MARTA: Meu nome é Marta. Acabo de chegar a esta cidade.

SÍNDICO: Por que nos olha assim?

PROVEDOR: Está se sentindo mal?

MARTA: As ruas são íngremes... e há duas horas que carrego meu filho.

MINISTRO: Seu filho está doente? (Silêncio) Não ouviu? Que tem seu filho?

MARTA: Morreu... a caminho daqui.

PROVEDOR: E o que deseja?

MARTA: Um lugar para enterrá-lo.

SECRETÁRIO: Pertence à Ordem Terceira do Carmo?

MARTA: Não. Nem meu filho pertencia.

SECRETÁRIO: Então, procure sua irmandade.

MARTA: Não pertencemos a nenhuma!

PROVEDOR: Como?!

IRMÃOS: (Entreolham-se, atônitos.)

MINISTRO: Não pertencem a nenhuma das confrarias?

MARTA: Não. (Expressão impenetrável) Mas creio em Cristo.

PROVEDOR: Como pode crer, se não pertence ao corpo da Santa Madre Igreja?

SECRETÁRIO: (Desconfiado) Por que justamente no cemitério de nossa confraria?

MARTA: (Enigmática) Por causa de Santa Quitéria. Não é a padroeira desta igreja? Diz a lenda que, martirizada, carregou a própria cabeça decapada. Meu filho era a minha cabeça... e não o estou carregando?

MINISTRO: Acho humanamente impossível, inacreditável, que alguém não pertença às irmandades devocionais!

PRIOR: (Nervoso) Também acho, irmão ministro.

MARTA: (Com malícia fugidia) Meu filho ia completar trinta anos. Pago os anuais de trinta anos em ouro do melhor quilate. (Mostra a sacola) Aqui está.

SECRETÁRIO: Ninguém pode repousar em solo sagrado, sem cuidadosa sindicância.

PRIOR: Nem precisamos de seu ouro.

MINISTRO: (Acentua-se a desconfiança) Seu filho morreu do quê?

MARTA: (Silêncio. Contraindo-se ligeiramente.)

PRIOR: Suicídio, não foi?

MARTA: (Sorri de maneira estranha) Morreu de amor. (Eleva a voz) Eu disse que morreu de amor!

PROVEDOR: Que doença é essa que ainda não chegou aqui?!

SÍNDICO: (Rindo) Amor que mata como a cólera! Deus nos livre dêle.

MINISTRO: Não há amor maior do que a nossa devoção. Mas não creio que alguém tenha morrido disto. Conhecem alguém?

MARTA: (Interrompe os risos) Também não creio... (Controla-se) que aqui, alguém morra desse amor. Mas, pelo que têm a Deus, dêem um lugar a meu filho. (Sondando) Em nome da caridade.

MINISTRO: A caridade deve ser exercida, sabemos. Mas temos que pensar nos irmãos que repousam aqui. Para evitar ofensa a esta santidade, precisaríamos conhecer a vida de seu filho.

PRIOR: Irmão ministro! (Abaixa a voz) Não devíamos ouvir.

MINISTRO: Por que não?

PRIOR: Não sei. Por um momento, tive impressão de que ela pode nos fazer mal.

SÍNDICO: Tem olhos que parecem não ver a gente!

PROVEDOR: Não passa de uma pobre mulher.

MINISTRO: Tem olhos de quem chorou muito. O filho não está morto? Por que sorri?

MARTA: Pensava em meu filho. Filho é um mistério! Ninguém sabe em que caminhos vai andar.

PROVEDOR: Ele andou em maus caminhos?

MARTA: (*Astuciosa*) Se há caminhos é porque alguém já passou. A gente também pode passar. Ele passou por todos.

PROVEDOR: Há caminhos do demônio!

MARTA: Não conheci nenhum. Não há nada escondido em nosso passado. É um emaranhado de trilhos que se perde na memória, mas que todos podem percorrer. Em um dêles, meu filho nasceu, fazendo-me sofrer, partindo meu corpo em torrões de dor... (*esperando o efeito*) quando sua cabeça passou entre minhas pernas.

PROVEDOR: Você não é animal!

MINISTRO: Maternidade é coisa sagrada! Não se fala assim!

MARTA: (*Meio áspera*) Mas esta é a minha linguagem. Nesses trilhos êle cresceu, viveu e morreu... como um homem deve ser.

MINISTRO: (*Meio fascinado*) Conte-nos.

IRMÃOS: (*Entreolham-se, contrariados.*)

MARTA: Meu filho nasceu em vila distante daqui, onde, no princípio, não havia ouro, mas a terra dourava-se em mantimentos.

(*José entre dezesseis e dezessete anos, vai sendo iluminado, tentando imitar o crescimento e a morte de uma planta. A medida que é iluminado, os Irmãos desaparecem.*)

MUTAÇÃO

MARTA: José! José! Você não ouve?

José: Preciso de concentração, mãe.

MARTA: Concentração! Por que não concentra em arado? Se está querendo movimentar o corpo, temos milho para descascar.

José: É assim que acontece com tudo: nasce, cresce, envelhece e morre.

MARTA: Quem não sabe que tudo nasce e morre! Onde aprendeu isto?

José: Observando! Para que servem os olhos?

MARTA: Para seguir o sulco do arado, ver onde colocar sementes, o que está bom para colhêr... Entendeu?

José: A senhora é sempre clara.

MARTA: Em vez de imitar plantas, faça algumas crescerem, como seu pai.

José: Cada um tem o seu sentido de plantar.

MARTA: Escute aqui, meu menino: o que pretende da vida, hein?

José: Ver como é a próxima cidade, e a próxima, e a próxima...! Correr mundo. Deve haver, nêle, um lugar que é só de seu filho.

MARTA: (*Despeitada*) Cidade são casas em volta de ruas.

José: Onde mora gente.

MARTA: Aqui também. Que é que somos? Bichos?

José: De vez em quando a senhora vira onça.

MARTA: (*Amarga*) Ruas, igrejas, muros, casas e gente trancada nelas. Isto é cidade.

José: Pois gostaria de descobrir um meio de abrir as portas, ver como vivem, o que pensam, o que têm e o que gostariam de ter.

MARTA: Comece por aqui. É uma boa maneira de conhecer as pessoas é trabalhando com elas.

José: Papai é claro como a senhora.

MARTA: Pois gosto de gente é como seu pai: pensa na terra, na semente e na chuva. Gosta de pão na mesa e de lençóis limpos. Se me deseja, me abraça. Se não, vira-se para o canto e dorme. Pronto! Não entendo quem só sabe falar.

José: Um dia, vai me ver trabalhando. Fique descansada.

MARTA: (*Retesada*) Que sei eu de cidade! Passei pelas ruas

de uma, para entrar no convento. Tornei a passar pelas mesmas ruas, dez anos depois, quando saí para casar. Aprendi por caridade, casei para não virar freira — destino de moça pobre — e aqui descobri o que é viver.

José: Por que abandonaram a senhora lá?

MARTA: Todo mundo tinha morrido. Cidade para mim é isto: sons de passos e de vozes que passam e se distanciam, de sinos tocando sempre às mesmas horas...! (*Com expressão finória*) Ainda devem estar lá, as marcas de minhas orelhas e unhas... em uma das paredes.

José: E aqui? Estamos eu, a senhora e papai. Trancados também.

MARTA: Com todo êste espaço?!

José: Para mim é como se fôsse uma parede. Também ouço através dela sons que não sei de onde vêm. — (*De repente*) Mãe! O mundo não é somente nós.

MARTA: O meu é!

José: (*Meio perdido*) Às vezes, sinto que todos nós temos que representar um papel.

MARTA: (*Atônita*) Que quer dizer com... representar um papel?

José: Ser com perfeição o que a gente não é... e é, ao mesmo tempo. Para mim, a senhora é mãe, mas para meu pai, não é. Para a senhora e êle, sou filho... mas para mim mesmo, quem sou?

MARTA: José... o meu filho! De onde está tirando tudo isto?!

JOSÉ: Também não sei. Depois que descobrir, eu conto.

(José beija Marta e sai correndo. Preocupada, Marta observa José, enquanto vão aparecendo os Irmãos.)

MINISTRO: Em que convento estêve?

MARTA: Das franciscanas. Fui educada por elas para ser freira. *(Intencional)* Mas não quis ser.

MINISTRO: Sem pais, pobre, que destino mais santo poderia querer, do que ser esposa de Cristo?!

MARTA: Queria ser de um homem.

PROVEDOR: Você parece mulher ímpia!

MARTA: O senhor tem filhos?

PROVEDOR: Muitos.

MARTA: Como poderia tê-los, se tôdas as mulheres fôsssem freiras?

(Sebastião aparece ao fundo, carregando um feixe de lenha e segurando um machado. Ele empilha a lenha, observado por Marta. Os Irmãos vão desaparecendo, quando Marta se aproxima de Sebastião.)

MARTA: *(Evocando, carinhosa)* Quando Sebastião apareceu, levando a irmã para ser freira, pedi que se casasse comigo. Dois meses depois, êle voltou para me levar. Nunca vi Sebastião parado. No trabalho da terra, ninguém o igualava!

MUTAÇÃO

SEBASTIÃO: Por que me olha?

MARTA: Porque gosto.

SEBASTIÃO: *(Interrompe o trabalho)* Que foi, Marta?

MARTA: Gosto quando chega silencioso. Sinal de que tudo vai bem.

SEBASTIÃO: *(Continua o serviço)* E vai mesmo.

MARTA: Fiz pão. Quer?

SEBASTIÃO: Depois que acabar o serviço.

MARTA: Empilhe a lenha amanhã. Tenho bastante na cozinha.

SEBASTIÃO: Por que deixar para amanhã?

MARTA: Assim conversa comigo.

SEBASTIÃO: Conversamos enquanto empilho.

MARTA: *(Pausa)* Você precisa de alguém para ajudar.

SEBASTIÃO: Não há muito para fazer. Só esperar que venha mais chuva.

MARTA: José devia ir na roça.

SEBASTIÃO: Meu pai era faisgador. Eu gosto da terra. Deixe que êle descubra o que quer.

MARTA: *(Abraça Sebastião, encostando o rosto nas costas dêle)*

SEBASTIÃO: *(Terno)* Que está acontecendo, Marta?

MARTA: Não gosto de ver você trabalhando sozinho.

SEBASTIÃO: Mas é assim que trabalho. José quer conhecer

ciudades, viajar, sentir-se no mundo.

MARTA: O mundo está em toda parte.

SEBASTIÃO: Parece que o dêle não está aqui. Não acha?

MARTA: Não sei. Não conheço outro.

SEBASTIÃO: *(Sorri)* Deixe o filho bater as asas.

MARTA: Por que deixar meu filho partir para um mundo que não conheço?

SEBASTIÃO: Já pensou o que seria, se eu estivesse até hoje à beira de um rio fuçando o lôdo? E se ainda estivesse no convento, desfiando contas de rosário?

MARTA: Deus me livre. *(Pausa)* Sinto por você.

SEBASTIÃO: *(Áspero)* Está sentindo pena de mim?

MARTA: Não.

SEBASTIÃO: Ainda bem. José acabará encontrando o que quer. Vamos! Vamos ver êsse pão. *(Puxa Marta)* Que foi?

MARTA: Sebastião! Abraça-me!

SEBASTIÃO: Que está acontecendo, Marta?!

MARTA: Tenho medo.

SEBASTIÃO: Medo de quê?

MARTA: Não sei. Chegou de repente.

SEBASTIÃO: A gente não deve ter medo. De nada! Estamos juntos, não estamos?

MARTA: É bom estar em suas mãos! *(Beija a mão de Sebastião.)* Elas descobriram em mim o que eu não sabia existir. Foi com elas que me conheci.

(As luzes abaixam, aparecendo os Irmãos na penumbra. Sebastião segura Marta e sai, puxando-a. Súbitamente, pára olhando José que entra preparado para viajar. Os dois se enfrentam, numa despedida muda.)

MARTA: *(Volta-se, com olhos marejados)* Há momentos que ficam incrustados na gente, como pedras. Quando vi José com a trouxa, senti que meus dois homens iam me dividir para sempre!

SEBASTIÃO: *(Pausa)* Sabe o que vai fazer, filho?

JOSÉ: Ainda não.

SEBASTIÃO: E parte assim mesmo?

JOSÉ: Se não procuro, não posso encontrar.

MARTA: *(Agoniada)* José!

JOSÉ: Para que esperar mais, mãe?

MARTA: Para ter certeza, filho.

JOSÉ: Eu tenho. Preciso ir, mãe. Compreenda!

MARTA: Pegou tudo que é seu?

JOSÉ: *(Puxa a trouxa)* Peguei.

MARTA: Não está levando pão, filho!

JOSÉ: Mãe, por favor...

MARTA: Não custa. Vou buscar. *(Sai, tentando conter os soluços)*

SEBASTIÃO: Não vai encontrar pão igual ao de sua mãe.

JOSÉ: Por isto mesmo. Se vou tentar a vida no mundo, quero o que êle tem para dar.

SEBASTIÃO: Faz bem. Mas sua mãe se sentirá melhor, levando o pão.

JOSÉ: (*Pausa*) Fui ver a roça, pai. Está muito bonita.

SEBASTIÃO: O tempo das águas tem sido bom.

JOSÉ: O senhor sabe plantar.

SEBASTIÃO: (*Conselho discreto*) O amor é importante no trabalho, filho. A gente precisa ter certeza do que procura e não recuar diante de nada. Foi ao Morro Velho? No próximo ano vou plantar lá.

JOSÉ: (*Angustiado*) Estive em todos os lugares do sítio... procurando não sei o quê!

SEBASTIÃO: Eu vi. O que quer não está aqui, filho. Vá procurar! Se não encontrar... volte, quem sabe já...

JOSÉ: Não vou voltar mais, pai.

SEBASTIÃO: Eu sei. Não diga nada à sua mãe.

JOSÉ: Acho que ela já percebeu.

MARTA: (*Volta, disfarçando a emoção*) Ainda bem que fiz pão esta manhã.

JOSÉ: (*Tenta sorrir*) Tudo isto?!

MARTA: Pelo menos por uma semana sei que terá o que comer.

JOSÉ: (*Pausa difícil*) Até a vista, pai.

SEBASTIÃO: Desejo que encontre o que procura, filho.

JOSÉ: Mãe!

MARTA: (*Segura o rosto de José, obsessiva*) Este é o seu rosto. Aquêlo que vai ficar guardado aqui dentro para sempre.

JOSÉ: (*Sorri*) O trabalho vai mudá-lo, não é assim?

SEBASTIÃO: Que trabalho?

JOSÉ: (*Tenta vencer a emoção*) Não sei. A mãe diz que o trabalho modifica a gente. (*Afastando-se*) Não vive dizendo que o senhor tem côr de terra? E eu não brinco... que ela tem de trigo e de linho?

(*José volta-se e caminha com resolução. Sebastião sai, observando José. Os Irmãos são iluminados, acabando de vestir as opas.*)

SÍNDICO: Ainda não vi ingratidão maior!

MINISTRO: E seu marido se matou sozinho no trabalho?

MARTA: (*Examina o altar e o teto, retesada*) Foram outras coisas que o mataram.

PROVEDOR: Ele abandonou vocês para fazer o quê?

MARTA: (*COMEÇANDO O JOGO*) Primeiro trabalhou numa nau dos quintos. (*Sondando*) Nos carregamentos do ouro que nos tiram e nos empobrecem.

PROVEDOR: Mais um pouco e teremos que suar ouro!

MARTA: (*SORRI, ACENTUANDO O JOGO*) O povo está suando há muito tempo. José correu mundo... e acabou descobrindo o que havia dentro das casas: gente suando dízimos... em triste estado: procurando com esperança de

encontrar, encontrando com a certeza de não usar. Foi assim que se preparou para o trabalho.

PRIOR: (*Irônico*) O trabalho que muda o rosto?

TESOUREIRO: Que trabalho é este que não conhecemos por aqui?

MARTA: (*Sorri com astúcia*) Conhecem, sim.

SÍNDICO: Seu marido tinha côr de terra, você, de trigo... e êle?

MARTA: (*Esperando o efeito*) Tinha do homem... que nascia diariamente no corpo dêle.

PRIOR: Que está dizendo?!

TESOUREIRO: Perdeu a razão?!

MARTA: Foi demônio e Cristo. Não são dois rostos diferentes?

IRMÃOS: (*Entreolham-se, atônitos*)

MINISTRO: Você diz... Deus e o demônio no mesmo corpo?!

MARTA: Deus e o demônio, brancos e negros, crentes e ateus, mulheres e homens. (*Representando cada gênero*) Ninguém o igualava em tragédias... ou em comédias!

PROVEDOR: (*Pausa tensa*) Seu filho foi ator?!

MARTA: De muitas personagens... no palco e fora dêle!

PRIOR: (*Ri*) Afinal... apenas um ímpio, uma face do demônio!

SÍNDICO: (*Rindo*) Mais uma bôca de mulato que estrophia verso.

TESOUREIRO: É para o que vem estes bastardos.

PRIOR: Só mesmo quem conhece de premissas canônicas, pede solo sagrado para ator!

MINISTRO: Não sabe que infiéis, suicidas e atôres não podem ser enterrados em igrejas?

MARTA: (*Impassível*) Sei.

MINISTRO: Que um homem que interpreta todo e qualquer papel, inclusive o do demônio, tem afinidade estreita com êses personagens?

MARTA: Também sei.

PROVEDOR: Quem se presta a representar certos papéis, auxilia a corromper costumes e até mesmo a pôr em risco certas firmezas da fé e de nossas instituições.

MINISTRO: Tire o corpo de seu filho da porta de nossa igreja. Vamos, Irmãos! A Mãe Santíssima Nossa Senhora dos Passos precisa sair para levar consôlo ao povo nas ruas. (*Erguem o andor*)

CANTO: (*Na igreja*) "Pois tôda a carne é como a erva, e tôda a sua glória como a flor da erva; seca-se a erva e cai a flor".

MARTA: (*Diante da imagem*) Meu filho vai ter paz. O seu também. Vamos! Nesta noite escura, nossos passos vão soar como gemidos de agonia e de parto. (*Volta-se, odienta*) Uma confraria cativa em gargalheiras de sangue, de crença, de

interesses, de leis, torna-se covil de tiranos. Não seria aqui que deixaria o corpo do meu filho. Os que estão aqui, para que servem? Para o respeito só de vocês. Nada mais!

MINISTRO: Então, por que veio em nossa igreja?

Marta volta-se e desaparece, rápida. Enquanto o andor sai, eleva-se o canto, desaparecendo o oratório. O cenário se transforma; à esquerda, numa rua tortuosa, e à direita, ilumina-se outro consistório, onde está reunida, em grande preparação, a irmandade do Rosário. Os componentes da Mesa são negros puros. Marta aparece ao fundo, à esquerda, carregando uma rêde, ajudada por Quitéria. Percebe-se que o pêso é demais para elas. Atravessam a cena e desaparecem, à direita. Manoel de Abreu surge ao fundo, observando Marta, volta-se como se fôsse sair, mas vira-se e olha Marta, tentando compreender, depois sai.

JUIZ: Aprendi a ler e escrever. Queria ser fabricante. Mas os pardos é que são contratados pra tudo. Só porque têm tinta de branco.

MINISTRO: (Entrando) O irmão secretário não vem mesmo?

JUIZ: É costume dêle, quando temos questão com branco.

MINISTRO: O pároco foi avisado?

TESOUREIRO: Foi.

MINISTRO: Mande entrar. (Sai o Juiz) Vai receber o castigo que merece. A gente pode ser escravo, mas fora da igreja. Aqui dentro também sabemos açoiar.

PROVEDOR: Para mim, Deus é negro. E o demônio, branco e de cabelo de milho.

MINISTRO: Esses brancos só não têm quizila de negro, quando levam nossas mulheres pra cama. E o que dá? Essa mulataçada façanhuda.

MARTA: Porque antes que o dia amanheça... vocês vão enterrá-lo.

MINISTRO: Nós?! Os carmelitas?!

MARTA: Vocês também. (Olha à sua volta) Não nesta mina de ouro.

PROVEDOR: Atrevida! Vive dizendo que é livre. Livre!

SÍNDICO: Livre que não é branco, nem negro, pra que serve?

TESOUREIRO: Brigões com a gente, mas mansos nos pés do branco.

PÁROCO: (Entrando) Irmão ministro e mais irmãos da venerável irmandade do Rosário. É prazer e consolação estar à disposição de vossas caridades.

MINISTRO: Palavras sem ações.

PÁROCO: Acusação injusta, irmão ministro.

MINISTRO: Trouxe os livros?

PÁROCO: Não.

MINISTRO: (Olha fixo o pároco) O irmão juiz vai ler o comunicado. A escritura não é mais arte só de branco. Nem outras também. Leia!

JUIZ: (Lê, cheio de si) Desde que se anunciou a descoberta do ouro, para aqui dispararam em atropêlo, desenfreadamente,

aventureiros de tôdas as condições e classes. Essa gente aqui se despejou, avassalada por ambição de riqueza fácil, pela gana do ouro.

PÁROCO: Origem de muitos de nossos males.

JUIZ: Assim também aconteceu com religiosos evadidos de seus conventos, divorciados do dever, vivendo sem religião e com muito distraimento em seus costumes.

PÁROCO: (Dominando-se) Receberão o castigo que merecem.

JUIZ: Alguns, envolvidos em negociações contrárias às suas obrigações, foram até acusados de contrabando e de viciarem ouro e prata.

PÁROCO: Os provincialatos já tomaram medidas contra os maus padres.

MINISTRO: Não contra todos!

JUIZ: Madrugando nas minas, êsses frades ambiciosos se instalaram nas irmandades, usando-as em proveito próprio. Esta capela teve fábrica à custa da devoção dos fiéis, sem que para sua feitura, ornatos ou guizamentos, concorresse em tempo algum o pároco desta freguesia...

PÁROCO: As acusações são contra mim?

MINISTRO: Onde estão nossos castiçais e tantos objetos de prata?

PÁROCO: Foram vendidos para reparos na igreja. A irmandade aprovou.

PROVEDOR: E onde estão os repaões?

PÁROCO: Mande fazer os necessários. O resto do ouro está guardado para obras meritórias.

MINISTRO: O que importa é a igreja.

PÁROCO: Muitos da sua gente ainda vivem em escravidão.

MINISTRO: É para êles que existe nossa mina de ouro.

PÁROCO: Forram escravos da sua tribo e se esquecem dos outros.

PROVEDOR: Devem recorrer à irmandade dêles.

PÁROCO: Que são pobres.

MINISTRO: Primeiro, nossos irmãos.

PÁROCO: E escravizam, em sua mina, negros de outras nações!

MINISTRO: Pertencem a tribos inimigas.

PÁROCO: Na África, não aqui. Todos deviam ser livres.

PROVEDOR: (Intencional) Vossa caridade fala mais em liberdade do que na vontade de Deus!

PÁROCO: (Disfarça) Diante Dêle somos todos iguais.

MINISTRO: Por que não vai dizer isto aos poderosos do Carmo? Comprar ou vender produto da terra, das árvores, dos rios, do mar e das gentes é arte de vocês brancos. Continue, irmão juiz!

JUIZ: Assim, vossa caridade mantém retidos em seu poder livros da irmandade.

PÁROCO: Mantenho porque o irmão prior pretendia queimar o livro de compromisso, para

que a irmandade fôsse considerada secularizada e ficar apenas com premissas de representação de classe.

MINISTRO: Negro não pode entrar no Carmo. Por que somos obrigados a ter secretário branco? Já temos quem saber.

PÁROCO: São tão intolerantes quanto os carmelitas!

PROVEDOR: Foram eles que nos ensinaram.

PÁROCO: Violência não justifica violência.

MINISTRO: Ficar com nossos livros é violência de vossa caridade.

PROVEDOR: Quando sairmos hoje nas ruas, a cidade vai ficar deslumbrada com a nossa riqueza. Vocês brancos querem humilhar nossa irmandade, mas a humilhação será imposta por nós.

MINISTRO: As escravas da mina vão sair na procissão com os cabelos empoados de ouro. Depois, lavarão os cabelos na pia, deixando o ouro como doativo à Virgem.

PROVEDOR: Já expulsamos os brancos dessa irmandade. Agora, será vossa caridade.

PÁROCO: Sou comissário até a próxima eleição da Mesa. Enquanto isto, os livros ficarão em minha casa. *(Volta-se para sair)*

PROVEDOR: E se o governador ficar sabendo de certas reuniões, na calada da noite, em casa de conhecido poeta?

PÁROCO: *(Controla-se)* Há muitas reuniões nesta cidade.

PROVEDOR: Não como as que são feitas lá. Vossa caridade sabe disto.

PÁROCO: Não sei do que está falando.

PROVEDOR: Reuniões onde se discutem muito, versos de um tal Virgílio.

(Durante esta frase, Marta surge ao fundo)

MINISTRO: E há um preferido por todos: A liberdade, pôsto que tardia!

PÁROCO: *(Hirto)* Nada sei dessas reuniões!

PROVEDOR: Não?! A cidade inteira sabe, menos o governador.

MINISTRO: Dizem que estão juntando ouro, com intenção malévolá. Foi pra isto que guardou o nosso?

PÁROCO: *(Lívido)* Podem mandar buscar os livros. O ouro também.

(Ao se voltar, o pároco vê Marta e pára. Os dois se entreolham. Marta, indignada, desvia o rosto, observando os irmãos. O pároco, preocupado e revelando conhecer Marta, controla-se e sai. O sacristão entra correndo.)

SACRISTÃO: Irmãos! Irmãos...

PROVEDOR: Que foi?

SÍNDICO: Perdeu a língua?

SACRISTÃO: Tem um homem morto no adro! Enrolado numa rede. *(Temeroso)* É filho daquela mulher. Veio do Carmo.

MARTA: Meu nome é Marta.

SACRISTÃO: A procissão vai sair. Tire o corpo de lá. Ela deixou o corpo bem em frente

da porta. Os fiéis estão temerosos.

MINISTRO: Pode ir. Descemos agora mesmo. *(O sacristão sai)* Que deseja em nossa igreja?

MARTA: Enterrar meu filho.

MINISTRO: Procure sua irmandade.

MARTA: É no meio de vocês que êle deve repousar.

PROVEDOR: E procurou primeiro o Carmo?

MARTA: *(Ardilosa)* Procurei a igreja onde Santa Quitéria é padroeira.

TESOUREIRO: E por que não permitiram?

MARTA: *(RECOMEÇANDO O JOGO)* Desconfiaram que meu filho tinha sangue de negro.

PROVEDOR: *(Retesado)* Vendo você, é fácil provar que só tinha de branco.

MARTA: Podia ser filho de pai negro.

MINISTRO: Mulatos e pardos não são negros!

MARTA: Não?! No Carmo seriam negros!

MINISTRO: Aqui são brancos. Debaixo da pele escura, o que há é sangue branco. É o que gostam de ser.

JUIZ: *(Desconfiado)* Há tantas confrarias na cidade. Por que nos escolheu?

MARTA: Meu filho viveu entre pessoas como vocês... e amou mulher de sua raça. *(Intencional)* Meu desejo é também filho do orgulho.

MINISTRO: Do orgulho?

MARTA: *(ACENTUA O JOGO)* Vocês ergueram palácios,

igrejas, casas, teatros! Calçaram ruas, rasgaram montanhas, construíram o poder da Província. Sem as mãos de vocês, Deus não poderia ser glorificado. *(Jogando com a fatuidade deles)* E ninguém glorifica como vocês. Que companhia melhor poderia ter meu filho? Vocês são a verdadeira nobreza, não os irmãos do Carmo com seus títulos. É aqui que deve estar a religião.

PROVEDOR: *(Capcioso)* Que côr acha que tem o demônio?

MARTA: *(Compreendendo o ardil)* A que cada um lhe dá.

(Marta volta-se, enquanto um cura, acompanhado por dois beaguins, passa ao fundo. O rosto de Marta contrai-se numa expressão de dor e ódio.)

MARTA: Para mim... êle é branco e usa batina! *(O cura sai, rápido)*

MINISTRO: *(Fátuo)* Receberemos o corpo de seu filho. O irmão síndico pergunta e o irmão juiz anota.

MARTA: *(Astuciosa, pega nas mãos do ministro)* Meu marido foi homem de mãos grossas. Como essas! Para êle... as mãos podiam ser malignas ou sagradas... mas só essas deviam existir!

SÍNDICO: A qual irmandade pertenceu?

MARTA: A nenhuma.

JUIZ: Não pertenceu a nenhuma confraria?!

MARTA: Se não nos deram meios de ganhar para viver, como poderíamos pagar para morrer? *(Joga a isca)* Os dí-zimos, o quinto...

MINISTRO: Os infames dizimos a párocos desonestos!

TESOUREIRO: Conhecemos bem o assunto.

MARTA: (*Odienta*) Quem não conhece! Ministros civis e eclesiásticos caíram sobre nós com apetite de milhafres e bicaram-nos até os ossos. Onde acham ouro, a terra contrai a lepra e cai em pedaços, cobre-se de ossos insepultos.

TESOUREIRO: Porque o ouro é a medida da vida e da morte.

MINISTRO: Se não fôsse êle, nossa igreja e suas obras de arte não existiriam.

MARTA: (*Perdida*) Mas também... os corpos não seriam doentes, as mentes não girariam no vazio... e haveria milhões de igrejas que não seriam de pedras.

IRMÃOS: (*Entreolham-se sem qualquer compreensão*)

TESOUREIRO: O que ela está falando?!

SÍNDICO: Não entendo a linguagem dela!

JUIZ: Nem eu. Não consigo anotar!

MINISTRO: Anote depois, irmão juiz.

MARTA: (*Evocando amargurada*) Não era diante de imagens que os olhos de Sebastião se umedeciam, mas diante das plantações. Diante delas, era todo ternura e humildade.

(*Enquanto Marta fala, Sebastião vai sendo iluminado e os irmãos vão desaparecendo. As paredes ficam transparentes, revelando o esplendor da irmandade reunida na nave da igreja. Todo o palco fica dourado.*)

MARTA: Quando passei pela igreja, vi a gente que sai das senzalas e das minas... e que na procissão, por um momento, vai deixar de ser escrava. Vi os guiões de damasco franjados de ouro, cruces, varas e tocheiros de prata; andores de talha dourada com imagens recamadas de peças de ouro e diamantes! Em cada rosto, o sofrimento se vestindo de alegria; o cativo, esquecido em cânticos religiosos; marcas de ferros se cobrindo de pedrarias; e o amor a Deus se transformando em ouro. (*Aproximando-se de Sebastião*) Ouro nos cabelos, nas imagens, nos altares e no teto... fazendo-me lembrar a agonia de Sebastião. Até então, não sabia que o desespero, nos bons, pode virar fúria, sementeira de tôdas as violências!

MINISTRO: (*VOZ*) No marido ou no filho?

MARTA: Nos dois... mas de maneira diferente.

(*Sebastião se aproxima vergado sob um fardo; põe o fardo no chão e se debruça sobre êle, assobiando. Marta, agoniada, fica observando-o e escutando o assobio.*)

MARTA: Que foi, Sebastião?

SEBASTIÃO: Um homem planta sementes e colhe dizimos. Dizimos sobre a terra, sobre a planta, sobre o mantimento. Meses de trabalho reduzidos nisto: um saco de trigo e muitos de ameaças.

MARTA: Ameaças?

SEBASTIÃO: Vamos perder a terra, Marta. Acharam ouro no Morro Velho.

MARTA: Em nosso sítio?

SEBASTIÃO: No riacho também. Veios riquíssimos, disseram.

MARTA: Um pouco do ouro será nosso, Sebastião. Vai nos ajudar.

SEBASTIÃO: Para pagar o quinto da Província que está atrasado.

MARTA: Um dia... o ouro acaba e irão embora.

SEBASTIÃO: Sei o que acontece onde acham ouro à flor da terra. Não restará nem uma planta. Um suor maldito vai salgar a água e a terra! Em vez de milho e arroz, vão brotar por todos os lados cruces e velas acesas...

MARTA: (*Subitamente aflita*) Sebastião! Vamos embora!

SEBASTIÃO: ... cascalho e orações por assassinados...

MARTA: Vamos procurar José.

SEBASTIÃO: Não saio daqui, Marta.

MARTA: Você disse que a terra está perdida.

SEBASTIÃO: Posso lutar.

MARTA: Que aconteceu na cidade?

SEBASTIÃO: (*Retesado*) Disse-ram que o subsolo pertence ao Estado e à Igreja, que precisavam pagar o quinto devido ao rei, que a derrama vai começar... e outras coisas que não entendo. Diversas turmas já estão a caminho daqui. Inventam direitos e obrigações para agoniar a gente. (*Explode*). Mil vezes malditos, padres e reis! Passei a vida debruçado sobre a terra, vigiando sementes. Vivi de joelhos diante de

minhas plantas, mais do que êles em suas igrejas. E agora... (*Subitamente*) Ninguém vai fazer minha terra virar enxurrada.

MARTA: Vamos embora, Sebastião. Ninguém pode com essa gente.

SEBASTIÃO: Eu posso, Marta.

MARTA: Contra representantes do rei e dos padres?

SEBASTIÃO: Deus sabe que sou homem honesto. Ele pode fazer o ouro desaparecer. Desaparecer antes que a terra vire meu túmulo. (*Volta-se decidido*) Meu e de muita gente.

MARTA: (*Tenta segurá-lo*). Sebastião, você está perdendo a razão...

SEBASTIÃO: (*Empurra Marta com violência*) Largue-me!

MARTA: Sebastião! Saí do convento apenas com suas mãos. (*Sebastião pára*) Você e meu filho é o que eu tenho. Não pedi mais nada. O que somos aqui, seremos em qualquer lugar. O que podemos dar um ao outro, não depende desta terra.

SEBASTIÃO: Marta! Que serei eu, sem a terra e minhas plantas? É com elas que sei trabalhar. Tudo que fiz está aqui... e vão destruir para dourar palácios e igrejas. Que adianta sair? Isto acontece em tôda parte.

MARTA: (*Subitamente retesada*) Eu luto com você, Sebastião. Guarde nosso trigo.

(*Marta vira-se, observando Sebastião sair. Pouco a pouco, uma árvore vai sendo iluminada, enquanto desaparece a nave*)

da igreja. Slides de milharais e arrozais batidos pelo vento, são projetados sobre o palco, colorindo-o de verde.)

MARTA: (Torturada) A partir daquele dia, só havia nêle um silêncio terrível!

TESOUREIRO: Nem tentou minerar em sua própria terra?

MARTA: Pouco a pouco, o cascalho estendeu um lençol de pedras sobre a terra, e começaram a aparecer as entranhas do Morro Velho. (Contra-se agoniada)

MINISTRO: Que foi?

PROVEDOR: Por que nos olha assim?

JUIZ: Ela parece que não enxerga a gente!

MARTA: Um assobio foi ouvido em diversos lugares. Junto com êle começaram a aparecer mineiros mortos... sempre estrangulados e sem as mãos. O pavor e a superstição tomaram conta das minas. Mas o ouro é mais forte do que tudo! Ele e o mêdo acabaram fazendo de todos um só corpo... e as mãos dos mineiros foram encontradas enterradas debaixo da árvore.

IRMÃOS: (Temerosos, juntam-se numa atitude de defesa) (Três mineiros entram arrasando Sebastião)

MUTAÇÃO

MINEIRO 1: (Empurra Sebastião com violência) Excomungado!

MARTA: (Hirta) Que vão fazer?

MINEIRO 3: Pendurar o herege na mesma árvore onde enterrava as mãos.

MINEIRO 2: Por isto não iam ao santo culto que nos intima a religião!

MINEIRO 1: Malditos incréus!

SEBASTIÃO: (Sereno) Seriam as igrejas dêles ou a minha.

MARTA: Eu sei.

SEBASTIÃO: Antes... queria um pedaço de pão.

MARTA: (Tira do bolso) Eu dou para você.

MINEIRO 1: Não chegue perto. É o demônio.

MARTA: (Dando o pão) É meu marido.

MINEIRO 3: Vai ser enforcado e ficará exposto. Quando enterrar, ninguém poderá acompanhar. Ninguém! Está ouvindo?

MINEIRO 1: A casa será destruída e êste lugar, salgado. Tire suas coisas.

SEBASTIÃO: (Abaixa a voz) Procure José. Há outras mãos que precisam ser cortadas. Não se esqueça disto.

MARTA: Não me esquecerei.

MINEIRO 3: Está na hora.

SEBASTIÃO: Marta! Não vá me ver. Deixe-me... até que a chuva apodreça a corda.

MARTA: (Hirta de dor) Deixarei.

SEBASTIÃO: Quero que meus ossos fiquem espalhados em minha terra.

MINEIRO 1: E é onde vai ficar. Pensa que alguma igreja receberia seu corpo?

SEBASTIÃO: (Olha o chão) Há uma que vai receber.

MINEIRO 2: Como? Sabemos que não pertence a nenhuma confraria!

SEBASTIÃO: (Beija o rosto de Marta, volta-se e caminha firme, acompanhado pelos mineiros)

MARTA: (Grita desesperada) Sebastião! O ouro tirado de sua terra vai servir para alguma coisa. Eu prometo!

(Sebastião desaparece. Os Irmãos são iluminados. Marta vira-se, com os olhos marejados)

MINISTRO: E você deixou o corpo insepulto?

PROVEDOR: Largou os ossos, como se fôssem de animal?!

MARTA: Quando parti, olhando de longe, pareciam espigas de milho espalhadas. Na paisagem... a única coisa verde era a árvore.

TESOUREIRO: Não mandou rezar nem uma missa?

MARTA: Nossa igreja tinha sido destruída. (DESAPARECEM OS SLIDES)

MINISTRO: Não sepultou o marido, nem rezou por êle... e vem pedir para enterrar o filho em nossa igreja?! Que está querendo?!

(Volta a expressão impenetrável em Marta, enquanto vemos Sebastião passar ao fundo, carregando um feixe de lenha.)

MINISTRO: Responda! Sei que não é somente isto que quer.

MARTA: Meus mortos não serão mais inúteis. Devem ajudar os vivos. Para que serve um corpo esquecido como galho de árvore... ou como laje!

JUIZ: Esta mulher está louca! TESOUREIRO: Fala coisas que ninguém entende.

SÍNDICO: Mandé tirar daqui, irmão ministro!

JUIZ: Veja! Olha o rosto dela!

SÍNDICO: Parece que os olhos não enxergam!

MINISTRO: (Fascinado) E onde encontrou seu filho?

MARTA: (Esperando o efeito) Encontrei... no corpo de outro.

JUIZ: (Afasta-se apavorado)

MARTA: Morria e renascia todas as noites. Às vezes como Encontrei... no corpo de outro.

(José vai sendo iluminado, representando a tragédia "Catão". José desenvolveu e é um belo homem.)

MARTA: É no trabalho que compreendemos os outros. Quem se transforma em negro, em homem ou mulher, em judeu ou mouro, sente cada um como realmente é. Abandona seu corpo por um outro. Esquece seus sentimentos e faz outros nascerem. Guarda em algum lugar suas idéias e ensina outras. Encontra em si mesmo sentimentos que são de todos. Fiquei extasiada, ouvindo o que êle dizia...!

(Os Irmãos desaparecem. Estão em cena Catão e Marco-Bruto, que representam diante do público, como se êste fôsse o senado romano. José, no papel de Marco-Bruto, veste roupa de centurião. Catão está de toga negra.)

CATÃO

"Não há sangue que o farte, não há crime
Que o detenha: seu carro de triunfo
Não impeça nos montes de cadáveres
Que lhe juncam a estrada. Fique o mundo
Todo um sepulcro, um só momento a terra...
Mas reine êle senhor sôbre êsse túmulo.
Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?
Inda ousais defender a liberdade?
Firmes em acabar primeiro com ela
Inda ousais preferir a morte honrada
Ao jugo, à escravidão? — Bruto fale?"

MARCO-BRUTO

"Eu voto a guerra. — E guerra só nos cumpre.
Poucos somos; mas livres, mas ousados.
No furor da peleja, quantas vêzes
Um só braço bastou a decidi-la?
César... Ah! co'êste nome em vossos peitos
Não ferve a indignação, não pula o ódio?
E êste mesmo senado inda duvida,
Pausado agita, frio delibera
Sôbre a causa da pátria? Ah, não, ó Padres,
Não vale em lances d'êstes a prudência:
Só produz entusiasmo as ações grandes.
Não aguardemos que o inimigo ousado
Venha em nossas muralhas atacar-nos;
Vamos nós mesmos, nós, o ferro em punho.
Por entre essas indômitas falanges
Longa abriremos sanguinosa estrada...
Senão para a vitória que nos foge,
À glória ao menos de expirar Romanos."

(Catão e Marco-Bruto saem.
Os Irmãos, já com as opas,
preparam-se para a procissão.)

JUIZ: Apenas um ator!

MINISTRO: Então, foi por isto
que o Carmo não quis enter-
rar?

PROVEDOR: Pensou que enter-
rariamos porque somos negros?

MARTA: Não pensei que enter-
rassem.

IRMÃOS: (Entreolham-se, con-
fusos)

MARTA: Tinha certeza disto.

MINISTRO: (De repente, com-
preendendo) Você não queria
mesmo! Agora eu vejo! Quem
é você? Que quer de nós?

MARTA: A única diferença en-
tre vocês e o Carmo é a côr
da pele. Escondem-se atrás de-
la, e só sabem se lamentar. O
que geram seus pais é produto

de venda, compra ou troca.
Mas não fazem nada para aca-
bar com isto. (Aponta) Escra-
vizam também por êste ouro!
São tão odientos quanto os
brancos!

MINISTRO: (Tapa os olhos)
Sai da nossa igreja!

MARTA: (Cheia de ira) Pre-
senciei o que fizeram ao pá-
roco. Nas mãos dêle o ouro
ia servir para alguma coisa,
não iria parar em tetos, pa-
redes e imagens!

JUIZ: Não olhem para ela!

SÍNDICO: Nossa igreja está pro-
fanada!

JUIZ: (Apavorado) Tire seu
filho do nosso adro!

Ouvem-se cânticos na igreja que lembram missa luba, enquanto os irmãos desaparecem. Ilumina-se o consistório, à esquerda, onde a irmandade de São José acaba de chegar da procissão. Marta e Quitéria surgem ao fundo, carregando a rêde; atravessam a cena e desaparecem à esquerda. Arcada e com os olhos fixos no chão, Marta passa murmurando uma cantiga de ninar. Manoel de Abreu entra, observando e acompanhando; êle tenta ocupar o lugar de Marta, mas é repellido; depois segue-as. O pároco do Rosário surge e desaparece ao fundo, observando Marta.

PÁROCO: Pelo contrato feito
entre o clero e a coroa, ficou
decidido que seria esta que de-
veria encarregar-se da repara-
ção das igrejas. Mas são os
fiéis que arcam com êsse pe-
sado ônus.

BRANCO: Uma das coisas que
aprendi nesta viagem. Comu-
nicarei ao governador.

PÁROCO: O senhor conhece o
governador?!

BRANCO: Somos amigos.

PÁROCO: Ficaria muito grato se
falasse a êle a respeito do ca-
nônico.

MARTA: O ouro continuará se
transformando em sangue, o
amor, em ódio... enquanto
êste corpo ficar insepulto. Mas
vão enterrar.

SÍNDICO: Há uma lei canônica
que...

MARTA: (Num grito) Eu farei
as leis mudarem nesta noite!

MINISTRO: Pensa mesmo que
vamos enterrar o demônio na
casa de Deus?

MARTA: Vão, sim. Mas não
será aqui.

MINISTRO: Então, não será na
casa de Deus.

MARTA: Na única que existe.
E vocês irão. (Volta-se e sai)

BRANCO: (Contrariado) Posso
falar.

PÁROCO: Se fôr necessário, en-
trarei com dinheiro.

BRANCO: Não é tráfico ilícito
de coisas santas o que está
propondo, senhor cura?

PÁROCO: Infelizmente, nesta na-
ção, a venalidade está consa-
grada pelo uso, e sem ela, na-
da poderíamos fazer.

BRANCO: Não seria ofensa ao
governador?

PÁROCO: Peço apenas reco-
mendação. Ela e um pouco de

ouro abrem qualquer porta. Não tenho tanto quanto será preciso; mas arranjaréi.

BRANCO: (*Evita o assunto*) Ouviu falar na mulher que carrega o filho morto?

PÁROCO: Ela procurou brancos e negros. Agora, deve ser a nossa vez.

PROVEDOR: (*Pernóstico*) Procura vãs quimeras.

PÁROCO: (*Confidencia ao Branco, observado pelo Provedor, desejoso de estar na conversa*) Gente parda gosta de ser diferente. Se negros e brancos não aceitaram, podem aceitar perfeitamente. Depende sempre do que querem negar no momento.

BRANCO: Como assim?

PÁROCO: (*Maldoso*) Progênesis que incomodam. Depois, nesta confraria estão também estatuariários e pintores. Gente de sensibilidade diferente. Nunca se sabe do que são capazes.

BRANCO: A verdade é que alguém precisa fazer alguma coisa.

PÁROCO: O Estado que enterre.

BRANCO: Onde, se não há cemitérios municipais?

PÁROCO: E para que... se todos pertencemos às confrarias?

BRANCO: (*Saindo*) Em minha cidade as festas religiosas não são tão magnificentes! A irmandade do Rosário era um tesouro caminhando!

PROVEDOR: (*Não agüentando, aproxima-se. Cheio de si*) A festa que vamos promover, quando nossa igreja passar a

Capela Real, será ainda mais suntuosa.

BRANCO: Quem sabe virei assisti-la. Até à vista.

PROVEDOR: (*Ligeira reverência*) Aceite meus cumprimentos.

BRANCO: (*Sorri imperceptivelmente irônico*)

PÁROCO: O canonicato. Não se esqueça!

BRANCO: Não me esquecerei. (*Sai acompanhado pelo pároco e o tesoureiro*)

PROVEDOR: (*Superior*) Nosso pároco tem avara sede de tesouros. E é libertino. Viram como olhava as negras do Rosário?

JUIZ: Olhava os cabelos empoados de ouro! (*Ri*) Vai sonhar a noite inteira com a pia da Virgem do Rosário!

MINISTRO: (*Voltando da porta*) O irmão tesoureiro gosta de adular branco!

JUIZ: Porque pensa que também é.

MINISTRO: Já viu branco de gengiva escura? (*Olha o provedor*) Acho que muita gente tem medo de rir, por causa disso.

JUIZ: Não tenho vontade de ser branco, mas também sei que não sou negro.

PROVEDOR: Muitas vezes fui tomado por branco, mas não dei a menor importância!

MINISTRO: Não ouviu contar, irmão provedor, o que aconteceu hoje no Carmo a Manoel de Abreu? Lá, sua opa também seria rasgada.

PROVEDOR: Pelo menos meu pai não era de nação que fura os beijos. E pertencia aos grandes do país. (*Ferino*) Vergonha é branca deitar com negro.

JUIZ: A verdade é que uns nos desprezam, outros nos recusam.

MINISTRO: E dizem que são religiosos!

PROVEDOR: Tenho ódio aos negros.

MINISTRO: Devia odiar os brancos também.

PROVEDOR: Não sei esconder ressentimentos. Seria capaz de cortar estas mãos, se fossem mais escuras.

MINISTRO: Seria preciso cortar muita coisa.

JUIZ: Também, essa irmandade do Rosário explora a Virgem somente na parte dolorosa.

PROVEDOR: Coisa de negros!

JUIZ: A sentença real acabou por fazer justiça: somos mais antigos, portanto temos absoluta prioridade nos atos públicos. Hoje, quando passaram, nós e os carmelitas já tínhamos passado.

PROVEDOR: Observei hoje os carmelitas. Nada tinham que não fosse labor de pardo.

MINISTRO: Deus é grande! Fêz da arte nosso refúgio, consôlo e reconhecimento.

TESOUREIRO: (*Volta acompanhado pelo irmão secretário*)

PÁROCO: (*Entrando*) Irmão tesoureiro! Recebeu meus dízi-mos?

TESOUREIRO: Todos.

PÁROCO: Os das comunhões também?

TESOUREIRO: Faltam alguns.

PÁROCO: Sonho há muito com aquele canonicato...

(*O pároco pára ao ver Marta à porta do consistório. Marta examina um a um; depois caminha até a frente da mesa, segurando a sacola. Os Irmãos olham Marta, dominados pela curiosidade.*)

PÁROCO: Já conhecemos seu caso. Aconselho que procure a Câmara Municipal.

MARTA: (*Coloca a sacola sobre a mesa*)

TESOUREIRO: Que é isto?

MARTA: Ouro em pó.

TESOUREIRO: Ouro em pó?! Tudo isto? Para quê?

MARTA: Trinta anos de anuais, de dízi-mos de confissões e comunhões que um religioso teria pago desde os sete anos. Não é quando se começa a pagar os anuais?

PROVEDOR: Tire seu ouro daqui! (*Empurra a sacola*)

PÁROCO: (*Detém o movimento do provedor*) Não nos esqueçamos da caridade.

SÍNDICO: Não ouviu o que os irmãos do Rosário contaram?

PÁROCO: Superstição! Os negros confundem sentimento religioso com credence. Não viu aquela cerimônia pagã?

JUIZ: Hum! Reinado do Rosário! Festa africana!

PROVEDOR: Tive impressão de estar em plena Guiné.

MARTA: (*Volta o sorriso enigmático. RECOMEÇANDO O JOGO*) Vejo que os senhores poderão me entender.

PÁROCO: Seu filho acreditava em Deus?

MARTA: Como não acreditar, senhor pároco, que o navio seja guiado por força superior, quando navegando num oceano tempestuoso, sob direção de pilotos negligentes e inábeis, resiste, contudo, às maiores tempestades?

PÁROCO: Resposta de uma verdadeira religiosa!

MARTA: (*Sorri*) Esta é a irmandade dos pardos de São José?

PROVEDOR: Irmandade de São José dos Bem Casados.

MARTA: É onde estão os carpinteiros, como o pai de Jesus?

SÍNDICO: Carpinteiros, estatuários, pintores, alfaiates e profissionais de mão-de-obra qualificada.

MARTA: Estatuários e pintores?

SÍNDICO: Não viu nossas obras de arte na igreja?

MARTA: E por que não podem estar os atôres?

PÁROCO: Você já sabe.

MARTA: (*Com temor astucioso*) Aquela figura não é a do demônio? Chego a ter medo... de tão perfeita!

MINISTRO: Nossos pintores são os melhores da Província!

(*Enquanto Marta fala, José é iluminado, sentado e perdido em si mesmo.*)

MARTA: Se meu filho estivesse vivo e não fôsse ator, pertenceria a esta irmandade.

PÁROCO: Era mulato?

PROVEDOR: Pardo, senhor pároco!

MARTA: Quem pintou as telas, esculpiu as imagens, ergueu as igrejas e compôs as músicas? Quem são os atôres que divertem o povo da colônia? Todos mulatos.

PROVEDOR: Pardos!

MARTA: (*Volta-se e olha José*) Quem consegue sentir os outros, se não os que vivem divididos em mil pedaços! Ele tinha muito de pardo. Daqueles que são estrangeiros em sua própria casa. (*Aproxima-se de José, enquanto os Irmãos desaparecem*) Quando ficamos perdidos em nós mesmos, não vemos o que nos rodeia, o que realmente nos ameaça. (*MUTAÇÃO*) Devaneios e mais devaneios.

José: (*Voltando a si*) Mãe! A senhora não me disse, um dia, que tinha sido criada num convento de franciscanas?

MARTA: Disse.

José: Mas sabia quem eram seus pais?

MARTA: Não. Fui para o convento muito criança. Por quê?

José: Últimamente... tenho me perguntado muito quem seriam meus avós.

MARTA: Está aí uma coisa que nunca me perguntei.

José: Um homem tem direito de saber que sangue corre nas veias dêle.

MARTA: Seja qual fôr, não deixa de ser homem.

José: (*Impaciente*) Sou ator, mãe!

MARTA: E daí?

José: Para todos, ator não passa de mulato.

MARTA: Sabia disso quando fêz sua escolha, não sabia?

José: Como êles... a gente vive só!

MARTA: Porque nos fazemos só.

José: Às vêzes, sinto-me como se andasse em caminho êrmo, carregando no peito duas feras que querem me devorar.

MARTA: Mas... de onde está saindo tudo isto? Um homem pode ser branco ou negro, sem que incorra em maldição, sem que as portas lhe sejam fechadas.

José: Depende das portas que procure. E mulato não é branco, nem negro, nem tem porta para bater!

MARTA: Filho! Que aconteceu? Diga!

José: Certo dia, saindo do teatro, alguém me perguntou: você é mesmo mulato? Não parece. É o primeiro branco que vejo nesta profissão. E um ator que estava comigo acrescentou, rindo e malicioso: aposto que todos pensam que você é branco. Mas há gôtas de sangue que não deixam marcas. Foi aí que comecei a perceber olhares curiosos sôbre mim. Senti-me como alguém que tivesse atravessado uma fronteira, sem saber de onde tinha vindo nem para onde pretendia ir, em uma nação sem geografia. Meus olhos, meus cabelos, minhas feições diziam que eu era uma coisa; meu trabalho afirmava que era outra. (*Angustiado*)

Lembrei-me da senhora, quando percebi que estava escutando em paredes invisíveis, unhando muros imaginários! Era livre e estava trancado! Quando vi... trabalho, futuro, aspirações... tudo estava delimitado!

MARTA: Há outras delimitações muito piores por aí.

José: Mas o problema não é êste! É sentir que pertence, não importa a que lado! Não compreende?

MARTA: Não posso pôr fim em suas dúvidas: não sei quem foram meus pais. Mas, filho, o que há de melhor, é que tudo é produto de soma, e tôdas as partes são igualmente importantes.

José: (*Torturado*) Tudo isto me revolta.

MARTA: (*Dura*) Pelos outros, ou só por você? Se a preocupação é seu sangue, vá ao convento das franciscanas. Se não é, use sua revolta para alguma coisa. Causas não faltam.

José: (*Levanta-se, agitado*) Assunto encerrado. (*Sai*)

MARTA: (*Grita*) Não se esqueça de Marco-Bruto!

(*José pára e olha Marta, depois sai. Marta sorri. Os Irmãos aparecem. Marta examina-os, voltando a expressão impenetrável.*)

MARTA: José pertenceu de fato a esta confraria. É aqui que deve repousar. (*RECOMEÇA O JOGO*) Lembrava muito vocês... no amor, na arte, na cama... entre as pernas de uma mulher.

PÁROCO: (*Furioso*) Se empregar esta linguagem, mando tirá-la daqui!

MARTA: É a minha linguagem!

PÁROCO: Certas coisas não se falam numa igreja.

MARTA: (*Áspera*) E o que se fala num confessionário, senhor pároco? Somos todos iguais. Já é mais do que tempo de se falar em coisas que todos fazem tôda noite ou todo dia. De atos naturais e muito agradáveis. Se acontecem é porque Deus permite.

PÁROCO: Ou o demônio!

MARTA: (*Ri*) Se é êle... deve ser muito solicitado!

(*José entra e senta-se. Parece que suas preocupações terminaram.*)

MARTA: (*Acentua a provocação*) Nos prazeres carnis, meu filho foi natural e robusto. Era onde representava seu melhor papel. Na cama, fazia coisas que muitos fazem e mentem não fazer.

PÁROCO: Coisas? Que coisas?

MARTA: Ora, o senhor sabe! O que não acontece numa cama, entre um homem e uma mulher cheios de desejo?

PÁROCO: (*Hirto*) Onde aprendeu esta linguagem?

MARTA: Vivendo. Por que têm medo de tudo, até das palavras? Elas existem porque existem atos.

PÁROCO: Acha que tudo é permitido?

MARTA: Acho.

SÍNDICO: A mentira?

MARTA: Quem não mente não é filho de boa gente.

SÍNDICO: A gula, o adultério, a luxúria... tudo?!

PROVEDOR: (*Incomodado*) Se tudo fôsse permitido, Deus não existiria.

MARTA: Para mim existe, exatamente porque tudo é permitido.

SÍNDICO: (*Atônito*) Nunca encontrou Deus?

MARTA: Como posso encontrá-lo, se não enxergo meu próprio rosto! O senhor enxerga?

SÍNDICO: (*Instintivamente leva a mão ao rosto*) Meu rosto é êste.

MARTA: (*Sorri*) Qual? O que vejo? O que êle vê? Ou aquêle que tem a imobilidade da agonia... no instante do prazer que traz vida a novos rostos? É o que beija? O que condena? O que cospe? O que come ou o que vomita?

IRMÃOS: (*Alguns passam a mão no rosto.*)

MARTA: Pouco a pouco, vendo José de personagem em personagem, de rosto em rosto, comecei a compreendê-lo.

(*As luzes vão abaixando. Marta caminha na direção de José, desligada dêste e dos Irmãos.*)

José: (*Grita*) Mãe!

MARTA: Amou negras, brancas e pardas.

José: Mãe! A senhora não ouve?

MARTA: Foi com êle que aprendi até que ponto um homem é capaz de ir. Mas foi comigo que aprendeu a repre-

sentar, na vida, certa personagem do palco. (*Contraí-se, agoniada*) E foi ela que o levou para dentro da rêde.

(*MUTAÇÃO*)

José: Sabe? Estive pensando.

MARTA: Bom sinal.

José: Não é mesmo grande sabedoria essa teoria do subso-lo pertencer ao Estado?

MARTA: Pelo menos, prende-se ou mata-se dentro da lei. Por que diz isso?

José: Por nada. Me ocorreu.

MARTA: (*Pausa*) Assisti seu trabalho ontem.

José: Tenho impressão de que ninguém compreendeu nada.

MARTA: Aquela gente não podia, mesmo. Estão com César! Afinal, quem vai ao teatro?

José: Conversavam, comiam... foi o inferno!

MARTA: (*Pausa*) Aquêle homem da peça, como se chama? O filho bastardo de César?

José: Marco-Bruto.

MARTA: (*Insinua*) Muito bonita a frase! Como é, mesmo?

José: Não sei a qual se refere. As frases de Marco-Bruto são tôdas bonitas.

MARTA: "Poucos somos; mas livres, mas ousados. No furor da peleja, quantas vêzes um só braço bastou para decidi-la?" (*Pausa*) Já foi ver os jardins do Passeio Público?

José: (*Sorri*) Foi onde vi Quitéria pela primeira vez.

MARTA: As pessoas passam, olham as flôres e não ouvem os gemidos.

José: É um jardim, mãe! Por que ouvir gemidos?

MARTA: Foi com o rendimento de açoites em escravos, que os senhores mandavam dar, que a fazenda real pagou as obras. Não sabia? (*Amarga*) Busquei você por tôda parte, ouvindo, olhando à minha volta. As cidades, os campos que percorri, foram plantando indignação e revolta em mim. Vi coisas que não pensei existir entre os homens... e compreendi que vivera trancada no sítio, mais do que no convento. E você? Veio para conquistar a cidade, abrir portas e ver como as pessoas vivem, e não saiu do palco, ou de você mesmo. Sua indignação termina com os papéis que representa. Que importa saber de quem descende, se não enxerga nem os que vivem à sua volta?

José: Mãe! Eu não tenho as qualidades que pensa.

MARTA: Tem sim.

José: Sei muito bem do que sou capaz.

MARTA: Será capaz do que quiser.

José: Que quer de mim, mãe?

MARTA: Que não fique se amesquinando por causa dêste ou daquele sangue. Que olhe à sua volta... e veja que o povo só conhece impostos que imaginam o clero, a magistratura e o fisco. Têm cem braços arrecadando; cem olhos vigiando, atormentando com denúncias e urdindo vinganças. Um dia, suas garras chegaram em nossa casa e penduraram seu pai em uma árvore.

JOSÉ: (*Atormentado*) Esquece isto, mãe! Por favor!

MARTA: Esquecer, como?

JOSÉ: A senhora tem me censurado como se eu fosse o culpado!

MARTA: Ainda não é. Mas poderá ser. Um homem não morre inútilmente. São os outros que tornam a morte inútil, não a usando para nada. Filho! São belos os papéis que representa. Mas há outros que vivem à sua volta. Nenhum dos personagens que cria tem a mesma grandeza de seu pai!... matando para defender o trabalho dêle; cortando algumas mãos do monstro que continua nos sufocando.

JOSÉ: Vai acabar vencendo, mãe!

MARTA: Não quero vencer, filho. Quero que enxergue por você mesmo. Onde vai?

JOSÉ: (*Saindo*) Vou ver Quitéria.

MARTA: Não faça da cama campo de batalha. Não se esqueça de que há outros.

JOSÉ: Em todos posso me dar bem.

MARTA: Por enquanto só conhece dois: a cama e você mesmo!

JOSÉ: (*Pára*) Não posso ser sem meu corpo. E sou o que o meu corpo é. É de personagem, filósofo ou meu mesmo?

MARTA: Quem sabe de quem é... o que um ator diz! (*Insinua*) Às vezes é dêle. "Eu voto a guerra. E guerra só nos cumpre."

JOSÉ: Isto é de Marco-Bruto.

MARTA: E de todos que lutam contra a injustiça.

(*José olha Marta e sai. Enquanto os Irmãos são iluminados, Marta permanece de costas. Percebe-se a ansiedade do irmão ministro.*)

TESOUREIRO: Que foi, irmão ministro?

MINISTRO: (*Controla-se*) Nada.

PÁROCO: Conhece o pároco do Rosário?

MARTA: (*Silêncio. Contraindo-se ligeiramente*)

PÁROCO: Que significa para você a frase: a liberdade pôsto que tardia?

MARTA: (*Ergue a cabeça, tomando uma resolução*)

PÁROCO: Que personagem pôs seu filho na rede?

MARTA: (*Volta-se, odienta, e encara fixamente os Irmãos*)

PÁROCO: Que personagem foi?

MARTA: A que escolheu para ser êle mesmo.

PROVEDOR: A que o ensinou a representar?

MARTA: Que o ensinei a viver.

PÁROCO: Então, sabia que podia levá-lo à morte?

MARTA: Morrer é condição de quem nasce, senhor pároco. Como reviver é a dos mortos que deixam alguma coisa aos vivos.

PÁROCO: (*Sondando*) E como foi que morreu?

MARTA: (*Silêncio. Examina os Irmãos*)

PÁROCO: Marco-Bruto morreu como traidor!

MARTA: (*Astuciosa*) Numa briga por causa de mulher. Pelo menos, tem nome de mulher.

(*Ilumina-se uma cama onde José está deitado, nu. Quitéria, nua, entra e observa José.*)

MARTA: Quitéria! (*Propositadamente*) Mulher cisterna de paredes de visgo. Capaz de prender um homem até seu último fim. Tem pernas que viram erva-passarinho no tronco de um homem.

PÁROCO: (*Sensual*) É escrava?

MARTA: Foi... até descobrir a força que tem entre as pernas. Mina mais rica que o Tejuco! (*Intencionalmente sensual*) Parece ter sido feita para alimentar a humanidade, com os peitos que possui. (*Volta-se, desligando-se dos Irmãos, que ficam na penumbra como silhuetas*) Gostava de observá-los. Tudo, entre êles, era luta de possuídos! Duas forças dividiam aquêle corpo. Mas uma terceira começou a lutar dentro dêle... e as perguntas que se fêz, teceram a rede onde está!

(*Marta esconde-se e fica observando José e Quitéria.*)

QUITÉRIA: Que anda acontecendo com você?

JOSÉ: Nada.

QUITÉRIA: Costuma falar sozinho, é?

JOSÉ: É a personagem.

QUITÉRIA: (*Ciumenta*) Sabia! Você matina mais nela do que em mim.

JOSÉ: Isso é o que pensa. Com êsses peitos aí na minha frente?

QUITÉRIA: Por isto mesmo. Estão aqui, são seus... e você aí matinando sei lá com quê.

JOSÉ: Vou sair pelo interior com a companhia, Quitéria. E tenho que levar aquela cena.

QUITÉRIA: (*Ressentida*) É só levar. Palavra não custa carregar.

JOSÉ: Há umas que pesam! (*Consigno mesmo*) E outras que podem nos levar até a morte.

QUITÉRIA: Não vem com conversa esquisita, não. E não gosto de ver você com aquela saia.

JOSÉ: (*Ri*) Os centuriões romanos vestiam assim.

QUITÉRIA: Aquêle velho soberbo de camisola preta...

JOSÉ: Catão, Quitéria! E não é camisola, é toga.

QUITÉRIA: Sei lá. Soberbo como o demônio. Joga o corpo contra a espada e ainda faz você prometer que mata o pai! Isto é coisa que se faça? Até que César é bom: queria conversar com você. É porque gosta do filho. Bruto mesmo, êsse Marco! Aquêle velho agourento é que azarou tudo. (*Repara em José*) Que está murmurando aí?

JOSÉ: Já disse: uma das cenas da viagem.

QUITÉRIA: Mostra p'ra mim.

JOSÉ: Quer mesmo?

QUITÉRIA: Assim, arranca isso da cabeça. E se fôr coisa

triste, não precisa nem começar.

José: Não é.

QUITÉRIA: Ainda bem. Não suplico aquele homem de saia. (Mau pressentimento) Bastardo filho da puta!

José: Não fale assim!

QUITÉRIA: Por que não? É assim que falo.

(José rememora parte do monólogo d' "O Casamento de Fígaro", de Beaumarchais. De repente senta-se na cama.)

FÍGARO

"Há nada mais esquisito do que o meu destino? Atiro-me de corpo e alma no teatro: antes tivesse amarrado uma corda no pescoço! Alinhavo uma comédia nos costumes do serralho. Autor espanhol, pensei que podia troçar de Maomé à vontade: na mesma hora um enviado... de não sei onde queixa-se de que eu ofendo em meus versos a Sublime Porta, a Pérsia, uma parte da península da Índia, todo o Egito, os reinos de Barca, Trípoli, Túnis, Argel e Marrocos: e lá se vai nossa comédia às urtigas, para agradar aos príncipes maometanos, nenhum dos quais, penso, sabe ler e que nos magoam o omoplate, chamando-nos de cães cristãos. (Levanta-se) Como gostaria de segurar um desses tiranetes de última hora, tão pouco preocupados com o mal que ordenam! Quando um bom desfavor tiver chocado o orgulho deles, eu lhes diria... que sem a liberdade de censurar, não há elogio que lisonjeie; e que só os homens pequeninos temem os pequenos escritos. (Torna a sentar-se) Como é preciso jantar, aparo ainda a minha pena e pergunto a todos qual é o assunto do dia: dizem-me que se estabeleceu em Madri um sistema de liberdade a respeito da venda das produções, o qual chega a estender-se até as da imprensa; e que, uma vez que eu não fale em meus escritos nem da autoridade, nem do culto, nem da política, nem da moral, nem das pessoas em evidência, nem das corporações influentes, nem da Ópera, nem dos outros espetáculos, nem de pessoas que tenham por onde se lhes pegue, posso imprimir livremente tudo, sob a inspeção de dois ou três censores. Para me aproveitar desta doce liberdade, anuncio uma publicação periódica e, crendo não caminhar nas pegadas de ninguém, chamo-o JORNAL INÚTIL. Suprimem-me e eis-me de nôvo sem emprêgo! Retomo o estôjo de barbear e o assentador... e pondo a vergonha de lado, vou barbeando de cidade em cidade e vivo enfim sem cuidados. Obrigado a percorrer a estrada em que eu entrei sem saber como sairei, sem querer, junquei-a de quantas flôres minha alegria permitiu: digo ainda minha alegria sem saber se ela me pertence tanto como o resto e nem mesmo qual é este EU de que me ocupo: uma reunião informe de partes desconhecidas; depois um mesquinho ser imbecil; um animalzinho brincalhão; um môço ardente nos pra-

zeres, tendo todos os gozos para fruir, desempenhando todos os ofícios para viver; patrão aqui, criado acolá, conforme apraz à fortuna; ambicioso por vaidade, laborioso por necessidade, mas preguiçoso... com delícias! orador segundo o perigo; poeta por desfastio; músico ocasional; namorado por loucos caprichos, vi tudo, fiz tudo, usei de tudo. Depois, destruiu-se a ilusão e, por demais desenganado... Desenganado!... Suzaninha, Suzaninha! que tormentos me dás!... Ouço andar... Vem gente. Chegou o momento crítico."

(Durante a ótima representação de José, Quitéria se diverte e Marta observa, séria.)

José: Acha bom?

QUITÉRIA: Engraçado está!

José: Será que a gente da província vai compreender?

QUITÉRIA: Só se fôr tudo toupeira. Que é que tem p'ra compreender?

José: (Irritado) Nada.

QUITÉRIA: Quem é Suzaninha?

José: (Sorri, paciente) Criada de quarto.

QUITÉRIA: (Subitamente) Por que é tão importante esta viagem? Mais até do que eu?

José: É tão importante quanto você.

QUITÉRIA: E me deixa aqui? Não digo que anda esquisito?

José: Ainda vai compreender.

QUITÉRIA: Compreendo é que mudou muito depois que sua mãe chegou. Não sei mais se é o José... (acariciando-o) que era só meu.

José: Também não tenho mais certeza se sou eu. Quem sou eu? Que é que se esconde dentro de mim? O que sou para mim e o que sou para os outros?

QUITÉRIA: (Beija o corpo de José) Para mim... é o único que me ensinou a não ter vergonha do meu corpo.

José: (Entregando-se às carícias de Quitéria) Não posso levá-la. Você me faz esquecer dos que precisam de mim.

QUITÉRIA: O que é meu, é só meu.

MARTA: (Aproxima-se, observando fascinada)

QUITÉRIA: Você mesmo vive dizendo que é o corpo que tem! Deixe que êle seja como é.

José: (Sensual) Foi o seu que me ensinou.

QUITÉRIA: Para que fazer tantas perguntas? "De onde venho? Para onde vou?" (Puxa José sobre ela) Venha para dentro de mim.

José: Promete... não gemer como uma possessa...?

QUITÉRIA: Não prometo... nada...!

MARTA: (Com expressão impenetrável) Veio de mim e vai para dentro de outra, e de outra... e de outra, voltando sempre à origem, num tempo sem fim!

(A cena desaparece enquanto ouvimos os gemidos lascivos de Quitéria. Os Irmãos são ilu-

minados: há horror e medo em seus rostos.)

MARTA: E ele acabou aprendendo... que além de Quitéria...

PÁROCO: Havia Deus para castigar os pecadores.

MARTA: ... havia a luta pelos outros...

PÁROCO: É uma mulher-demônio!

MARTA: ... que o medo podia ser vencido... e que restavam mãos para serem castigadas.

PÁROCO: Para isto existe a lei.

PROVEDOR: E Deus!

MARTA: Então, para que tanto sofrimento nas cidades e nos campos?

PÁROCO: Porque pecam. É por isto que seu filho não tem onde ser enterrado. Nem seu marido teve. Que fizeram de bom?

MARTA: (Ataca) Pode ser muito bonita a vocação espiritual, mas ela não dispensa ninguém de trabalhar.

PÁROCO: Trabalho para Deus!

MARTA: (Perde o controle) Fazendo da igreja seu celeiro. Deus não tem fome, nem doenças, senhor pároco. Enquanto os homens sofrem, lá fora, você reza!

PROVEDOR: Tirem esta mulher daqui!

MARTA: Há séculos que exploram um corpo exposto, confundindo a vida com a morte, espalhando cegueira e medo!

PÁROCO: Que está querendo? Em quem você crê?

MARTA: Em meu filho.

PÁROCO: Que pensa sobre a derrama?

MARTA: O mesmo que vocês.

PÁROCO: As idéias de seu filho pertenciam a quem?

MARTA: Há idéias que pertencem a todos.

PÁROCO: Seu filho veio se encontrar com o pároco do Rosário? Como foi que morreu? Se disser, terá o que quer.

IRMÃOS: (Levantam-se, presos à resposta de Marta)

PÁROCO: (Segura a sacola) Faço juramento diante de Deus: permito o enterro e ainda rezarei quarenta missas pela alma dele.

MARTA: Não quero missas. Nem que fique na igreja. (Olha à sua volta) Ela lembra o Passeio Público. Aqui colocam inscrições santas, imagens, pinturas, talhas de lavor inestimável. Mas, por baixo, nos alicerces e nas paredes, estão os que geram nos grilhões, os que acabaram seus dias, sem Cristo e sem remédios.

PÁROCO: Mas fizeram de nossa igreja lugar de consolo para os fiéis!

SÍNDICO: Onde louvamos Deus na escultura!

SECRETÁRIO: Na pintura!

PROVEDOR: Em nossa música!

MARTA: Vocês trazem feridas na alma e tentam cobrir com a religião. A parte que amargura, a humilhada, a traída, é

que procuram esconder, e quanto mais escondem, mais se dividem e se revelam... e acabam numa cruz... (Aparenta) como eles! retorcidos, torturados, agoniados. Onde está a vida? O amor e a alegria?

PROVEDOR: (Exaltado) Nossa arte é a mais bela!

MARTA: (Grita) Só é belo o que sobrevive, revivendo sempre. Não há arte onde não existe o homem. Nem pode existir Deus.

SÍNDICO: (Furioso) Saia daqui!

PROVEDOR: Mulher herética!

PÁROCO: (Aflito) Se contar porque morreu seu filho, permito que...

SÍNDICO: Senhor Pároco!

PÁROCO: Sei o que faço, irmão síndico.

SECRETÁRIO: Não ouviu o que ela disse?

SÍNDICO: Que nossa arte é de humana?

PÁROCO: (Abaixa a voz) Não rogamos o título de Real Capela e licença para usar as Armas do Reino de Portugal? Já pensaram o que significa para a irmandade, se nossa igreja for escolhida para cerimônias oficiais? O que pode valer aos irmãos que trabalham aqui?

PROVEDOR: Sabemos o que deseja, senhor pároco!

PÁROCO: Desejo que nossa igreja seja a mais importante; com as armas reais sobre a porta de entrada. (Vira-se para Marta) Seu filho está morto. Nada tem a perder, se faz a parte de alguma conjura.

O governador gostará de saber e nos concederá tudo!

IRMÃOS: (Entreolham-se, começando a compreender)

PÁROCO: A igreja e o Estado darão lugar a ele. Basta que diga por que seu filho morreu.

MARTA: (Silêncio. Uma mágoa profunda contorce seu rosto)

PÁROCO: É fácil provar que nossos artistas dão tanta vida às suas imagens e pinturas, quanto dão os atôres a seus personagens. Se não fôssem assim, não seriam santas.

MARTA: (Para si mesma) Perdidos homens!

SECRETÁRIO: Que disse?

TESOUREIRO: Não ouvi!

PÁROCO: (Ansioso) Então?

MARTA: Um homem pode reviver Cristo? (Silêncio) Não sou herética? (Silêncio) A arte de meu filho não é mais demoníaca?

IRMÃOS: (Entreolham-se, confusos)

MARTA: Para o que está querendo usar meu filho, senhor pároco? Para obter um canonicato? E vocês? O favor real, mesmo à custa da delação?

PROVEDOR: E você?

TESOUREIRO: Para vingá-lo marido?

SÍNDICO: Destruir nossa igreja?

PÁROCO: Proteger uma sedição?

PROVEDOR: Delatar é dever do bom católico e fiel vassalo.

SÍNDICO: E quem não o faz, torna-se cúmplice e réu.

MARTA: (*Recua horrorizada*) A morte de meu filho é crime de vocês também! Caminharei até que o dia amanheça. Até lá, terão que carregá-lo juntos comigo. Que êle se decomponha até aparecer os ossos. Que daquele corpo vigoroso fiquem apenas os cabelos. Que o odor do corpo dêle torne insuportável a vida na cidade! É a maneira que tenho para enterrá-lo onde é preciso.

IRMÃOS: (*Ansiosos*) Onde? Como? Enterrá-lo onde?

MARTA: Vocês verão; e vão ajudar. (*Volta-se para sair*)

(*A cena desaparece, enquanto o irmão ministro caminha na direção da porta por onde saiu Marta, deixando a opa caída no chão. Marta espera o Ministro e lhe estende a mão. O fundo do palco é iluminado, revelando riquíssimo altar-mor. A Ordem Terceira das Mercês está reunida. Há mistura equilibrada de brancos, negros e mulatos. Embora haja nervosismo entre êles, estão rindo, maliciosos.*)

DEFINIDOR 1: Gostaria de ter visto a cara do pároco.

TESOUREIRO: Areia branca, pura!

DEFINIDOR 1: Êle, que é capaz de vender a alma por um canonicato.

TESOUREIRO: Por uma negra já vendeu muitas vezes!

DEFINIDOR 1: Capela Real, hein?

TESOUREIRO: As esperanças dêle saíram por entre os dedos.

MINISTRO: (*Entrando*) Os irmãos do definitório não vêm?

MINISTRO: (*Aflito*) Sua sacola de ouro!

MARTA: Pertence ao pároco.

TESOUREIRO: Só a êle?

MARTA: Não é a êle que os dizimos são pagos? Abra a sacola, irmão ministro, e despeje sôbre a mesa.

PÁROCÓ: (*Hirto*) Mas... isto é areia! Areia pura!

MARTA: Tente segurá-la, senhor pároco!

(*Marta começa a rir; sua gargalhada aumenta, ecoando em tôda a igreja. Os irmãos, mal-dosos, riem também. Marta volta-se e sai rindo.*)

PROVEDOR: Irmão ministro! Que foi? Onde vai?

DEFINIDOR 1: Foram todos convocados?

SECRETÁRIO: Fui de casa em casa.

MINISTRO: Na cidade, ninguém consegue dormir... ouvindo os passos dessa mulher!

DEFINIDOR 1: O definitório saberá resolver. Certas leis precisam mesmo de reformas. (*Revela certa ligação*) Não acha, irmão tesoureiro?

TESOUREIRO: Há mudanças sociais. Devemos acompanhá-las.

DEFINIDOR 1: Essas confrarias estão precisando é de boa dose

de liberalismo. Se é que já ouviram falar nisto.

TESOUREIRO: Ouviram, mas como ameaça a seus privilégios.

DEFINIDOR 1: Os tempos não são mais para ações inquisitoriais. (*Ri*) É ótima a idéia da areia! Quero ver como ela vai tentar nos convencer.

MINISTRO: O Estado devia dar solução.

DEFINIDOR 1: Em assuntos de igreja, o Estado não deve entrar. O quinto que pagamos já nos sufoca.

(*Instintivamente, vão abaixando as vozes*)

PROVEDOR: Cuidado, irmão! As paredes escutam!

MINISTRO: As orelhas do Visconde estão por tôda parte.

DEFINIDOR 1: Estamos na igreja.

PROVEDOR: Onde elas entram também.

MINISTRO: É verdade que está havendo conventículos por aí?

DEFINIDOR 1: "Os tiranos da pátria assoladores

Do povo desgraçado são flagelos

Que envia ao mundo a cólera celeste."

DEFINIDOR 1: Quem deixará de entrever no peito d'esses homens as chamas da sedição, quando seus suspiros são tão enérgicos?

PROVEDOR: Então, é certo mesmo que se quer fazer por aqui uma Europa?

MINISTRO: Não treme ao proferir estas palavras?

DEFINIDOR 1: Será crime gostar de belos versos? E se fôsse, antes morrer como Catão, do que abrilhantar como mártir a marcha de César!

TESOUREIRO: Há setepta anos, irmão ministro, que só os afinêtes das rainhas consomem dezenas de arrôbas de ouro. Agora, com a derrama, teremos que pagar quase seiscentas. As minas exaurindo, dia a dia, poderão pagá-las?

MINISTRO: A temeridade nem sempre é boa conselheira.

TESOUREIRO: Querem o quê? Acabar com a tirania, sem lutar?

PROVEDOR: Para que derramar sangue! Não gosto de violência. Não é da nossa índole.

TESOUREIRO: Podemos produzir e comerciar? Só entram coisas sem validade e sai nosso minério. Já mandaram destruir nossos teares. Ordens reais! E quem as faz cumprir?

(*Durante esta frase, Marta surge à porta e observa os Irmãos.*)

SÍNDICO: Parece que... ninguém conseguiu descobrir como foi que êsse homem morreu!

SECRETÁRIO: Dizem que a negra não deixa abrir a rêde!

TESOUREIRO: (*Retesado*) Se não fôr a primeira vítima da próxima derrama!

MINISTRO: (*Sussurra*) Já chegou!

DEFINIDOR 1: (*Indignado*) Quem? A derrama?

MINISTRO: A mulher...!

PROVEDOR: (*Aflito*) E os defen-
didos que não chegam.

(*Quando a irmandade se volta
e encara Marta, ilumina-se o
primeiro plano, onde está sen-
tado José ridiculamente vestido*

*com farda vermelha e justa. O
chapéu atravessado na cabeça,
o colête amarelo, os lenços, a
bengala exagerada, fazem dêle
um bufão. Marta sorri, obser-
vando os Irmãos, enquanto as
luzes vão abaixando.*)

José

Em beijos de mulatqs atôres,
Vejam o que dizem do meu governar,
Malditos vates escrevinhadores!

"Pretende, Doroteu o nosso chefe
Mostrar um grande zêlo nas cobranças
Do imenso cabedal que todo o povo,
Aos cofres do monarca, está devendo.
Envia bons soldados às comarcas,
E manda-lhes que cobrem, ou que metam,
A quantos não pagarem, nas cadeias.
Entraram, nas comarcas, os soldados,
E entraram a gemer os tristes povos.
Uns tiram os brinquinhos das orelhas
Das filhas e mulheres; outros vendem
As escravas, já velhas, que os criaram,
Por menos duas partes do seu preço.
Por mais que o devedor exclama e grita
Que os créditos são falsos, ou que foram
Há muitos anos pagos, o ministro
Da severa cobrança a nada atende.
O pobre, porque é pobre, pague tudo,
E o rico, porque é rico, vai pagando
Sem soldados à porta, com sossêgo!
Maldito, Doroteu, maldito seja
Um bruto, que só quer, a todo custo,
Enfiteusar o sórdido dinheiro.

Eu creio, Doroteu, que tu já lêste
Que um César dos romanos pretendia
Vestir, ao seu cavalo, a nobre toga
Dos velhos senadores. Esta história
Pode servir de fábula, que mostre
Que muitos homens, mais que as feras brutos,
Na verdade conseguem grandes honras!
Mas ah! prezado amigo, que ditosa
Não fôra a nossa Chile se, antes, visse
Adornado um cavalo com insígnias
De general supremo, do que ver-se
Obrigada a dobrar os seus joelhos

Na presença de um chefe, a quem os deuses
Sòmente deram a figura de homem!
Então, prezado amigo, o néscio povo
Com fitas lhe enfeitara as negras crinas,
Ornara a estrebaria com tapêtes,
Com formosas pinturas, ricos panos,
Bordados reposteiros e cortinas;
Um dos grandes da terra lhe levará
Licor, para beber, em baldes d'ouro,
Outro lhe dera o milho em ricas salvas;
Mas sempre, Doroteu, aquêles néscios
Que ao bruto respeitassem, poderiam
Servi-lo acautelados e de sorte
Que dar-lhe não pudesse um leve coice.

E que queres, amigo, que suceda?
Esperavas, acaso, um bom govêrno
Do nosso Fanfarrão? (*Saindo de cena, ameaçador
e ainda mais ridículo*)
Vendam-se os castiçais, tinteiro e bancos,
Venda-se o próprio pano e mesa velha,
Quando isto não baste, há bom remédio,
As fazendas se tomem, não se paguem..." (*Sai*)

(*Ouvem-se gargalhadas. Ilumi-
na-se a cena: os Irmãos, com
exceção do provedor, se torcem
de rir. Marta, rindo, está para-
da entre êles, como se fizesse
parte da irmandade. Há certa
intimidade entre ela e o Te-
soureiro.*)

DEFINIDOR 1: (*Rindo*) Já ouvi
êsses versos em algum lugar!

MARTA: (*Imitando alguns mo-
vimentos de José*) As queixas,
tenho certeza de que todos já
ouviram.

DEFINIDOR 1: Fabulosos são os
mistérios da poesia, revelando
os fanfarrões do mundo!

MARTA: (*Popular, bate nas
costas do Definidor 1*) Os poe-
tas dizem coisas bonitas, mas
ficam paralisados diante das
feias.

MINISTRO: Que coisas feias?

MARTA: (*Brincalhona*) Luta,
sangue, morte...!

DEFINIDOR 1: Cada um encara
a morte com a coragem que
tem, se a tem. Eu, por mim,
não a temo.

MARTA: (*Representando*) "O
pobre, porque é pobre, pague
tudo,

E o rico, porque é rico, vai
pagando

Sem soldados à porta, com sos-
sêgo!"

MARTA: Fazer rir também é
maneira de não temer, de lutar
e de morrer.

PROVEDOR: Como morreu seu
filho?

MARTA: (*Pausa*) Importa sa-
ber?

SECRETÁRIO: É pergunta que a
cidade inteira faz.

DEFINIDOR 1: Há homens que morrem por causas justas. (*In-sinua*) São os que não precisam obedecer a 'CERTOS CÂNONES!

MINISTRO: Por que nos olha assim?

MARTA: Pela primeira vez vejo juntos brancos, negros e pardos. (*RECOMEÇANDO O JOGO*) Devem estar aqui os que pensam como meu filho, os homens que êle procurava. É esta a minha igreja!

DEFINIDOR 1: (*Amigo*) Para nós, mercedários, todos são iguais. Sente-se aqui entre nós.

(*Marta senta-se à mesa, formando-se um conventículo à sua volta.*)

PROVEDOR: (*Insiste*) Como foi que êle morreu?

MARTA: Que sentido teria a arte de meu filho, se não levasse aos outros a compreensão da angústia que sentem? Se não mostrasse aos que lutam, em nome do que estão lutando? (*Maliciosa*) Para isto, precisava de uma causa: seus teares!

IRMÃOS: (*Entreolham-se, compreendendo*)

MARTA: (*Segredando*) Quebram nossos teares, porque o nosso ouro, com ligeira etapa nos cofres reais, vai amontoar-se nas arcas dos respeitáveis britânicos. E o que recebemos em troca, além de panos e padres?

Todos: O quê?

MARTA: (*Incitando*) O quinto, dizimos e agora a derrama do Visconde. Já pensaram o que isto significa para vocês, comerciantes da Província?

MINISTRO: (*Aliviado*) Os irmãos definidores chegaram!

(*Entram seis definidores, encontram-se com os Irmãos que, revoltados e excitados, discutem entre si. Quando todos se voltam para Marta, ilumina-se a cama onde Quitéria está deitada. José observa-a. Os Irmãos ficam na penumbra.*)

MARTA: (*Levantando-se*) Meu filho sabia que é difícil lutar pelos outros; que tudo que é injusto, é injusto para todos! Com a personagem que escolheu ser... atirou-se contra a ameaça do mundo e tentou se defender, defendendo vocês. (*Sai*)

JOSÉ: Cansada de ficar no quarto? Eu disse para não vir.

QUITÉRIA: Não gosto daquele cura que vem me azucrinar.

JOSÉ: Voltou?

QUITÉRIA: Quer me salvar. (*Marta entra e senta-se na cama*)

JOSÉ: Que foi que êle disse?

QUITÉRIA: Que sou a imagem do pecado e não sei o que sobre nossa presença na cidade.

MARTA: (*Apreensiva*) Que tem nossa presença?

QUITÉRIA: Não sei, não me lembro.

MARTA: Que respondeu a êle?

QUITÉRIA: Que não tenho nenhuma reação às minhas tentações: sou escrava delas. Nem tenho remorsos. Peco, porque pecar é fácil... (*Bate no meio das pernas*) e porque foi com isto que consegui a liberdade.

MARTA: Bem respondido.

QUITÉRIA: Não se dá um passo sem que um padre pule na frente da gente! Vocês brancos, quando não tentam salvar, trazem a gente em ferros ou com um bastardo na barriga. (*Repara em José*) Que foi?

JOSÉ: (*Rememorando*) Numa das minhas viagens, conheci um estudante que voltava da Europa. Chamava-se Vicente. Estava sempre com um livro nas mãos; e trazia uma canastra cheia deles, escondida como se fôsse contrabando de ouro. Um dia, me perguntou: a que horas vamos ver as costas brasileiras? No amanhecer, respondi. Êle olhou o mar e disse: uma terra onde se retém o povo na ignorância como um filho bastardo. E é o que somos: filhos da tirania, em um mundo cada vez mais livre. (*ENTRA O CURA E OBSERVA OS TRÊS*) Onde se pensa que delatar é ser bom católico... e todos se julgam bons católicos! O que fazer?

MARTA: (*Enfardada*) Lá vem pregação!

QUITÉRIA: (*Rápida, abre a blusa, deixando os seios de fora*)

MARTA: A gente invoca Deus a vida inteira: Ele não aparece. Mas o demônio, basta mencionar.

JOSÉ: Entre, senhor cura. Estamos em reunião de família.

CURA: (*Capcioso*) Será que sabem mesmo o que é uma família?

MARTA: Vai com sua moralidade pra lá.

CURA: Podem me agredir. Tenho infinita paciência cristã.

MARTA: E nós, paciência infinita para sermos o que queremos.

CURA: Não pode fechar a blusa? Está diante de um padre!

QUITÉRIA: Gosto assim. Estou com calor.

CURA: A senhora não faz nada?

MARTA: Eu costuro, não está vendo?

CURA: Permite isto? Na sua frente?

MARTA: Também tenho seios. Sua mãe não tem? Com tôda esta batina, sei o que tem no corpo de alto a baixo. Você também sabe o que tenho... e como é. (*Intencionalmente debochada*) Gosto de ver... é quando estão fazendo amor!

CURA: (*Hirto*) Você vê?! Seu próprio filho?!

MARTA: Eu não o vejo beber, comer, sonhar?

CURA: Isto é feio, pecaminoso!

MARTA: Feio para pessoas como você. Eu acho muito bonito... e todos gostam e fazem.

CURA: (*Incomodado*) Que deseja? Só viver em pecado?

JOSÉ: (*Bom humor*) Quero tirar tudo da vida, aqui e agora, senhor cura.

CURA: Não é capaz de vencer sua imoralidade?!

MARTA: Ela está na sua cabeça. E não venha falar nova-

mente em mortos. Enquanto sonha com êles, não pode mesmo compreender os vivos.

CURA: Não tem medo do inferno, mulher?

QUITÉRIA: A gente acostuma com êle aqui, pode agüentar qualquer um que venha depois. Aposto que não é mais quente do que hoje.

CURA: Inferno?! Aqui?!

QUITÉRIA: Já estêve acorrentado numa senzala? Então, o que sabe do inferno?

MARTA: Também conheço outros infernos por aí. Um dêles, é êsse sofrimento de ser salvo, sem saber do quê!

CURA: (*Sondando*) Não devemos nos esquecer de que a igreja luta por nós.

MARTA: Os tiranos também. Mas gastam a força apenas disputando a prêsa. Às vêzes, são até afáveis, amorosos... enquanto não começam a impor preceitos.

CURA: Não gosta de padres?

MARTA: (*Troca olhar com José*) Por que não havia de gostar? Chego até a respeitá-lo, senhor cura. Ver êsses peitos e resistir, acho digno de respeito... ou de piedade!

José: (*Advertindo*) Mãe!

MARTA: Garanto uma coisa: se você se perdesse entre essas pernas, nunca mais encontraria uma batina como a sua... mas poderia encontrar Deus!

QUITÉRIA: (*Ri, mostrando-se ainda mais*)

MARTA: (*Explode*) Que é que tem nossa presença na cidade? Meu filho é ator, Quitéria, cortesã... só isto!

CURA: (*Saindo*) As autoridades ficarão sabendo disto!

MARTA: (*Grita*) Se escrever ao seu demônio, dê lembranças minhas.

José: Não devia ter falado assim, mãe! Que foi que o pároco do Rosário nos recomendou?

DEFENIDOR 1: (*Nervoso*) Ela disse pároco do Rosário? Foi isto?

PROVEDOR: (*Inquisidor*) Vamos ouvir!

MARTA: Devemos estar preparados para tudo.

José: Só não quero ser imprudente.

MARTA: Faz bem. Vá trabalhar! Onde vai ser a reunião?

José: (*Saindo*) Não sei ainda.

QUITÉRIA: (*Corre*) Vou com você.

José: Fique aqui.

QUITÉRIA: Não gosto da gente desta cidade.

José: Não gosta por quê?

QUITÉRIA: Não sei, não gosto.

José: Venha. Mas não abra a boca.

MARTA: (*Subitamente aflita*) Filho! Espere! (*Beija José*) É preciso encontrar a linguagem que êles entendem. E cuidado com os de entusiasmo fácil. Só sabem empunhar o ferro da língua. Com ela podem combater, mas também delatar.

José: Que há, mãe? Não foi a senhora quem me ensinou a olhar à minha volta? Agora, mesmo que descubra que estou errado, prefiro continuar com minha revolta.

MARTA: Eu sei!

José: Por que está com os olhos cheios d'água, mãe?

MARTA: Por nada. Vá! Irei mais tarde.

(*Quitéria e José saem. Só Marta fica iluminada. O cura passa ao fundo, acompanhado por dois beaguins.*)

MARTA: (*Dolorosa*) Como morre um homem, só a êle interessa. Milhões estão morrendo e nem chegamos a saber. Para mim, não é orgulho como morreu, pois não devia era morrer. Como viveu e lutou, estou contando. (*Contra-se*) Quando mais precisou viver bem o seu papel... nunca foi tão mau ator! Quando vi o cura e os beaguins...!

DEFENIDOR 1: (*Nervoso*) Quando aconteceu? A reunião, o cura, os beaguins... tudo?

MARTA: Ontem.

DEFENIDOR 1: Seu filho mencionou algum nome? De pároco ou de poeta?

MARTA: De ninguém.

DEFENIDOR 1: Mas você falou no pároco do Rosário!

MARTA: Há muitos párocos e Rosários na Colônia.

DEFENIDOR 1: A lealdade é uma grande virtude.

MARTA: Não mencionou nem mesmo dos que sabem empun-

nar só o ferro da língua, senhor definidor.

PROVEDOR: (*Volta-se para o definidor*) O ferro da língua também comete crimes contra o real poder!

SECRETÁRIO: (*Aflito*) Há calma e prosperidade na colônia!

SÍNDICO: Dizem até que o Visconde vai suspender a derrama!

TESOUREIRO: Por detrás desta calma há uma insatisfação surda. Por que não dizer?

MINISTRO: (*Áspero*) Irmão tesoureiro! Não comprometa a nossa confraria!

DEFENIDOR 1: (*Ansioso*) Que aconteceu na reunião?

(*José é iluminado, caminhando na direção do público. Fala diretamente com êste. Durante a fala, percebemos que as pessoas vão saindo. E a medida que saem, José vai se descontrolando.*)

José: Mas será que não compreendem? Por quanto tempo vamos agüentar isto? (*Como se ouviu a fala de alguém*) Não! Não é verdade! Nós nos dividimos porque muitos não acreditam em liberdade. Só querem estar em evidência. Mas vejam quantos ministros reais, oficiais de justiça, de fazenda, de guerra, foram mandados para cá, para extração, segurança e remessa do ouro! Não aprenderam ainda que o serviço real, quando estendido aqui ao longe, se torna violento e insuportável? Não! Não saiam! Quantos ofícios não foram criados para confundir vocês e sepultá-los em suas minas?

(Misturando, inconscientemente, suas idéias com falas de Marco-Bruto e Catão) "Sobre nossas cabeças cada instante, vemos troar da tirania os raios".

MARTA: Esta linguagem eles não entendem, filho!

José: Temos sido feitos e não senhores do que é nosso. "A Natureza, que nos deu a vida... deu-nos co' a vida essenciais direitos."

José

(Perdendo-se na personagem)

"Júlio é outro!

Sobeja-lhe arte para ser tirano

De sua pátria decrépita.

César é traidor algóz: não mata a ferro,

E só vai propinando lentamente

Venenos encobertos, disfarçados,

Que, sem travar nos lábios, levam morte

Ao coração — e o derradeiro afogam

Desejo, idéia, imagem da proscrita

Liberdade..."

(José sai correndo pela platéia, seguro por Quitéria. Marta corre, parando em primeiro plano, hirta, transpassada de dor, enquanto ouvimos o tiro e o grito de Quitéria. Marta passa os olhos pelo público, com expressão impenetrável, ouvindo a fala do Definitório, como se esta viesse da platéia. No centro do palco, os definidores estão reunidos em bloco.)

DEFINIDOR 1: (Adianta-se) Desejando favorecer em tudo os Irmãos Terceiros desta venerável Ordem, os definidores, em santa e devota conferência, chegaram a uma conclusão. Diz a premissa canônica: um ator interpreta todo e qualquer papel que lhe é dado, inclusi-

MARTA: Fale da derrama, não em direitos, José!

José: Não é nosso o nosso escravo, nem nosso o nosso carro e o nosso boi. (Quitéria, preocupada, aproxima-se de José) "A resistência do povo a seus tiranos e opressores nunca é vã, não se perde." Voltem! Não tenham medo!

MARTA: (Desesperada) Fale em Barbacena, não em César!

ve o do demônio; e quem consegue viver tão bem um personagem negativo, fatalmente tem um denominador estreito com esse personagem. Assim, os atôres auxiliam a corromper costumes e até mesmo a pôr em risco certas firmezas da fé. Nós definidores, corpo legislativo desta venerável Ordem, temos obrigação de acolher proposições de reforma do estatuto que — reconhecemos! tem falhas de estrutura! Mas, também conhecemos os cânones e sabemos que não podemos feri-los. São os pilares da nossa igreja! Assim, deliberamos: consultar nosso santo Provincial nas terras do Maranhão, pedindo a santa aprovação para receber este corpo

em nosso solo sagrado — pois não o repelimos! Em vista de que a resposta se alongaria por estradas de terra e de mar, ordenamos que a Venerável Ordem Terceira das Mercês, num ato de caridade cristã, acompanhe, em procissão, esta pobre mãe ao-lugar onde deverá dar descanso a seu filho José. Pelo artigo quarto da lei provincial, qualquer pessoa poderá ser enterrada em sua propriedade, contanto que esta seja fora dos povoados e na distância prescrita. Como a senhora não tem propriedade aqui, resolvemos que se arranje quem tenha e autorize. A Sereníssima Rainha saberá compreender nosso gesto! A nós não se recomenda fidelidade, porque não há vassalos como nós! (Expressão de alívio nos irmãos) Ordenamos também...

MARTA: (Grita) Por quem meu filho morreu? Por vocês? Malditos hipócritas!

DEFINIDOR 2: Você negou Deus diante daquele cura!

MARTA: Não é Deus que nego e rejeito, mas o mundo que confrarias odientas criaram para Ele e meu filho.

(O cenário toma colorido dourado; as paredes do palco ficam cobertas de imagens de santos, dando impressão de coisa morta, distante, inútil.)

PROVEDOR: Pelo desembaraço e pouca religião de que muitas vezes deu provas, posso afirmar: seus pais foram cristãos novos!

(Apavorados; os Irmãos espalham-se em tôdas as direções. Marta corre e sobe no altar.)

DEFINIDOR 3: Tirem essa mulher da casa de Deus!

MARTA: Para que servem essas imagens cobertas de ouro... se vivem nus, como escravos!

MINISTRO: (Hirto de pavor) Sacrilega!

DEFINIDOR 1: É o demônio!

PROVEDOR: Tragam água benta! Depressa!

SÍNDICO: É uma possessa!

DEFINIDOR 1: Que vai fazer?!

SECRETÁRIO: Deixe a imagem...!

IRMÃOS: (Agrupam-se, apavorados) Não! Afaste-se! Saia daqui! Esta é a nossa obra mais rica! Leve seu filho para longe de nós!

MARTA: (Atira a imagem aos pés do definitório) Arranquem o medo da alma! Esse Deus já está morto. Não sentem o cheiro da sua decomposição? Está aqui nesta igreja: vem dos alicerces, das imagens, das confrarias. Foram vocês que o mataram, com a faca do desamor. Só o suor de seus corpos poderá lavar o sangue nesta faca.

DEFINIDOR 1: Nem você, nem seu filho terão salvação!

MARTA: A salvação é de todos ou não será de nenhum. (Examina os Irmãos, voltando à expressão impenetrável) Nin-

guém amou o filho mais do que eu. Não posso fazer mais nada por êle. O corpo ficará no adro, esperando a res-

(Marta desaparece, rápida. Os Irmãos, desarvorados, correm de um lado para o outro. Lentamente, os altares desaparecem, transformando o cenário em lugar êrmo, sem formas. No meio do cenário distinguimos um monte de terra. Marta surge ao fundo, caminhando ereta em direção ao monte de terra.)

MARTA: *(Carinhosa)* Viu como consegui? Plantei você dentro dêles! Juntaram-se tôdas as confrarias para trazerem você. Pelo mêdo, eu sei. Tantas orações, tanto amor inútil jogado às estrêlas, deixou o mundo delas vazio, povoado só pelo mêdo. Fiquei olhando de longe, filho. Mas sentia todos aquêles pés caminhando em mim, cortando minha carne como arados. Carregavam você... e eu me sentia como se carregasse todos... há milhares de anos! Sabe por que o deixei naquele adro? Por que usei seu corpo? De repente, compreendi que quanto mais plena de sentido, quanto mais ligada a uma existência humana fôr a vida, tão menos terrível é a morte. E porque... se eu o enterrasse com minhas mãos, esqueceriam que você viveu... e porque morreu. *(Marta ajoelha-se e beija a terra)* Aqui é o seu lugar. Daí veio, para aí tinha que voltar. Todos os homens, até mesmo Deus, voltam um dia à terra. Aqui, poderá contemplar as estrêlas, o espaço infinito, as fôlhas, as flôres e os frutos. Poderá vigiar o caminhar da luz que se aproxima cada vez mais de todos os homens. Ela é como a luz das estrêlas: demora a chegar, mas chega. E

posta do Provincial... ou até que o enterrem. Só sei lutar pelos vivos... Os mortos pertencem a vocês!

terrível descobrir que nada existe além de nós, que nenhuma transferência pode ser feita: carregaremos o que somos até o último fim. E é bom saber disso! Enquanto existir um homem na face da Terra, você não estará só. Deus morreu... para que você exista! Mais um pouco... e uma só será a confraria de todos!

(Entra um homem carregando uma trouxa e se aproxima de Marta.)

MARTA: Que quer?

HOMEM: É aqui que enterraram o homem?

MARTA: Que homem?

HOMEM: Que não podia ser enterrado.

MARTA: É aqui mesmo.

HOMEM: Não puseram nenhuma pedra?!

MARTA: Para quê? O corpo não está aqui?

HOMEM: *(Ajoelha-se)*

MARTA: *(Rispida)* Que está fazendo? Levante-se!

HOMEM: Vou viajar e quero antes fazer uma oração.

MARTA: Que oração poderá fazer?

HOMEM: Aprendi muitas...

MARTA: *(Corta)* Nenhuma serve. *(Senta-se sobre o monte de terra)*

HOMEM: Você está sentada em cima!

MARTA: Sente-se também e converse. Conte-me sua estória. É uma boa oração.

HOMEM: A senhora é engraçada! Acha que conversar é oração?

MARTA: Trabalhar também é. *(Puxa o homem)* Sente-se.

HOMEM: *(Sentando-se)* Conversar o quê?

MARTA: Fale de seu trabalho.

HOMEM: É horrível, dona!

MARTA: Por quê?

HOMEM: Trabalho nas minas do Morro Velho.

MARTA: Trabalha no Morro Velho?

HOMEM: Já estêve lá?

MARTA: Estive em tôda parte.

HOMEM: Se trabalhar é oração... já rezei muito. Nasci vendo o trabalho à minha volta. Ninguém fazia pão como a minha mãe! Com onze anos, já levantava junto com o dia e, com pão na sacola, saía ainda ouvindo meu pai: "Não deixe nunca o sol pegar você na cama!" *(Sorri)* Perto da minha casa havia uma árvore... com uma cruz! Todo o mundo a temia, nem passavam perto. Mas era onde eu gostava de me sentar. *(Confidencia)* Foi onde escondi o ouro que encontrei.

MARTA: *(Súbitamente, beija o rosto do Homem)*

HOMEM: Por que fêz isso?

MARTA: Me deu vontade. Continue!

HOMEM: Debaixo da árvore sentia-me protegido... e sonhava realizar o que me propus.

MARTA: *(Perdida, acaricia o monte de terra)*

HOMEM: *(Erguendo-se)* Era você? A mulher da rêde?

MARTA: Sou.

HOMEM: Que não queria enterrar o filho em nenhuma igreja?

MARTA: Naquelas, não.

HOMEM: Por quê?

MARTA: *(Olha à sua volta)* Eu tinha esta! Aqui, poderá ser encontrado por todos que passarem.

HOMEM: *(Caminha, perdido em si mesmo.)*

MARTA: *(Sorri)* Onde vai? O caminho do Morro Velho é por ali.

HOMEM: Não volto mais pra lá.

MARTA: *(Ergue-se)* Quer me acompanhar?

HOMEM: Não.

MARTA: *(Carinhosa)* Meu pão também não tem igual.

HOMEM: Com o ouro que guardei, vou comprar terras no vale de Pedreira das Almas.

MARTA: Gosta de plantar?

HOMEM: Gosto de ver campos cheios de rebanhos, de vales cobertos de cereais. Era com isto que sonhava debaixo daquela árvore! *(Olha as mãos)* Se tenho que viver de

joelhos, que seja diante das plantas.

MARTA: (*Fascinada*) Como é seu nome?

HOMEM: Martiniano.

MARTA: Pensei que fôsse Sebastião.

HOMENS Por quê?

MARTA: Não sei. Nem é o de seu pai?

HOMEM: (*Erguendo a trouxa*) Meu pai tinha o nome que terá meu filho: Gabriel.

MARTA: Que é isto? Pão de sua mãe?

HOMEM: Não. (*Sorri*) Mostrador de um relógio. Meu avô comprou de um bandeirante.

MARTA: É só o que leva?

HOMEM: Só. O móvel e o pêndulo seguiram na comitiva.

(*Quitéria, o pároco do Rosário, Manoel de Abreu, o ministro de São José e o tesoureiro das Mercês entram e param à espera de Marta*)

MARTA: Venha! Há pessoas que me esperam... em toda parte. (*Passa o braço no ombro de Martiniano*) No trecho de estrada em que caminhamos juntos, contarei a você — e a quem quiser ouvir — a verdadeira estória de meu filho. Eu também gosto de plantar...!

Martiniano acompanha Marta. No cenário escuro só fica iluminado o monte de terra.